**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**
**Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião**

**Adriel de Oliveira Rizzo**

# ENTRE A CONTEMPLAÇÃO E A VIDA ATIVA: A MÍSTICA INTRAMUNDANA EM THOMAS MERTON

**Mestrado em Ciência da Religião**

**SÃO PAULO**
**2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**
**Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião**

**ADRIEL DE OLIVEIRA RIZZO**

# ENTRE A CONTEMPLAÇÃO E A VIDA ATIVA: A MÍSTICA INTRAMUNDANA EM THOMAS MERTON

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em CIÊNCIA DA RELIGIÃO, área de concentração: Estudos Empíricos da Religião. Sob a orientação do Profº Dr. Edin Sued Abumanssur.

SÃO PAULO
2024

**Folha de Aprovação**

**Banca Examinadora**

_____

_____

_____

**Dedicatória**

*Para minha amada esposa Mariana e meus amados filhos, Isabella e Nicolas, razões da minha vida.*

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP)
This work was carried out with support from the São Paulo Foundation (FUNDASP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (GM-CNPq), número do processo 130038/2023-7.

The present work was executed with the support of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil (GM-CNPq), Finance Code 130038/2023-7.

**AGRADECIMENTOS**

*"Amar é deixar aqueles que amamos serem eles mesmos e não tentar moldá-los segundo nossa própria imagem. Caso contrário, amaríamos apenas o reflexo de nós mesmos."* Thomas Merton

Quando encontramos nas pessoas que amamos o sentido de continuar fazendo o que fazemos, conseguimos entender como e para quem devemos ser gratos. Meus olhos brilham pelos que vivem comigo e continuará sendo eles a razão deste brilho. Em mim, trago toda a gratidão pela minha amada esposa Mariana que aceitou e me permitiu compartilhar o dom da vida a dois, pelos nossos filhos Isabella e Nicolas, por serem eles os brilhos dos meus olhos, a minha razão de acordar todos os dias, pelos meus pais Roseli e Vilmar por me concederem a base para que os meus pés pudessem caminhar de forma mais constante e concreta.

Sou grato também por aqueles que me deram a oportunidade de concretizar a inspiração que a vida me trouxe, por me ajudar a entender que a academia pode ser uma forma e um lugar de inspirar outras pessoas; muito obrigado a Edin Sued, não só pela paciência, mas pela ciência compartilhada com toda a humildade e sabedoria, mostrando-me ser possível que a academia pode ser sim lugar de vida partilhada. Agradeço aos professores, professoras e aos que fazem do programa um lugar de construção do saber, muito obrigado!

Agradeço imensamente também aos meus amigos e amigas de caminhada acadêmica, José Luiz, Silvana, Ana, Alexandre, Antônio, Cristina, Atíla, Samuel, e tantos outros que fizeram e fazem parte deste mundo da pesquisa que me foi aberto em 2023, construímos saberes e sabedorias, amizades e irmandades, muito obrigado!

Agradeço a PUC-SP pelos anos de acolhimento e construção do saber que me transformou naquilo que hoje sou, sou filho desta casa e da luta que outros lutaram no passado e que agora eu também luto neste presente. Resistir e persistir!

Fraternalmente, agradeço ao Cristóvão e aos membros da Associação Thomas Merton do Brasil, por se dedicarem na divulgação da espiritualidade mertoniana. O caminho é longo, mas que bom saber que não caminhamos sozinhos.

Aos que fizerem e fazem parte da minha caminhada acadêmica, meu muito obrigado!

Por fim, gratidão ao Amor que conduz e transforma, que revive e revitaliza, que acolhe, que crê, que espera e que suporta.

Ao Amor que se fez humano, muito obrigado!

## RESUMO

O presente trabalho analisou a Mística Intramundana em Thomas Merton, com ênfase em sua obra *Novas Sementes de Contemplação*. O objetivo foi investigar como a visão integradora de Merton entre contemplação e vida ativa oferece contribuições significativas para o estudo da Mística Contemporânea no campo da Ciência da Religião. A hipótese central é que as obras de Merton e os estudos sobre seu pensamento demonstram relevância para a compreensão da religião contemporânea, especialmente nos estudos produzidos pela Ciência da Religião no Brasil. Neste contexto, através de uma análise aprofundada das principais obras de Merton, o trabalho explorou os conceitos fundamentais que embasam a Mística Intramundana, demonstrando como esta visão se concretizou não apenas em seus escritos, mas também em sua vida. Ademais, a pesquisa examinou a trajetória biográfica e intelectual de Merton, contextualizou seus principais escritos e analisou a evolução de seu pensamento sobre a relação entre vida contemplativa e vida ativa. Assim também investigou-se sua concepção particular de mística e vida monástica, com atenção especial ao conceito de "Le Point Vierge". Por fim, analisou-se como Merton articula a relação entre mística e engajamento social. Com isso, concluiu-se que a abordagem de Merton, integrando profundamente vida contemplativa e vida ativa, oferece um paradigma valioso para repensar a relação entre espiritualidade e ação social no contexto contemporâneo, contribuindo significativamente para os estudos sobre Mística Contemporânea.



**PALAVRAS CHAVES:** Thomas Merton, Mística Intramundana, Contemplação, Mística Contemporânea

## ABSTRACT

This paper analyzes Thomas Merton's intramundane mysticism with a focus on his work New Seeds of Contemplation. The aim was to explore how Merton's integrative vision between contemplation and active life offers significant contributions to the study of contemporary mysticism in the field of Religious Science. The central hypothesis is that Merton's works and the studies of his thought are relevant to the understanding of contemporary religion, especially in the studies produced by the Science of Religion in Brazil. In this context, through an in-depth analysis of Merton's main works, the work explored the fundamental concepts that underpin intramundane mysticism, showing how this vision was concretized not only in his writings, but also in his life. It also examined Merton's biographical and intellectual development, contextualized his major writings, and analyzed the development of his thinking on the relationship between the contemplative and the active life. It also explored his particular conception of mysticism and monastic life, with particular attention to the concept of “Le Point Vierge”. Finally, we analyzed how Merton articulates the relationship between mysticism and social engagement. It was concluded that Merton's approach, which deeply integrates the contemplative life and the active life, offers a valuable paradigm for rethinking the relationship between spirituality and social action in the contemporary context and makes a significant contribution to studies of contemporary mysticism.



**KEYWORDS:** Thomas Merton; Inner-worldly mysticism; Contemplation; Contemporary Mysticism.

**SUMÁRIO**

**PREÂMBULO**.....11
**INTRODUÇÃO**.....13
**CAPÍTULO I – DE THOMAS MERTON**.....20
1.1 A Montanha dos Sete Patamares: uma breve biografia de Thomas Merton.....21
1.2 Um panorama das obras de Thomas Merton: uma proposta de categorização.....29
1.3 Thomas Merton e a sua visão de mundo: a evolução de seu pensamento social.....35

**CAPÍTULO II – O CAMINHO DE THOMAS MERTON**.....40
2.1 O Carisma Cisterciense: História, Práticas e Atualidade.....41
2.2 Contemplação e vida ativa: Um conceito.....46
2.3 A mística: uma construção a partir da contemporaneidade .....52

**CAPÍTULO III – A MÍSTICA INTRAMUNDANA EM THOMAS MERTON**.....57
3.1 A Mística Contemporânea de Thomas Merton em sua obra *Novas Sementes de Contemplação*.....59
3.2 A centralidade da Mística Intramundana de Thomas Merton: “Le Point Vierge”.....64
3.3 Do interior para o exterior: A Mística Intramundana de Thomas Merton e a sua relação com a sociedade.....69
3.4 A relevância da Mística Intramundana em Thomas Merton para os estudos sobre Mística Contemporânea na academia.....78
**CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....82
**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**.....86
**ANEXO I**.....93
**ANEXO II**.....99

## PREÂMBULO

Antes de apresentar ao leitor o objeto deste estudo, considero pertinente compartilhar a minha motivação em debruçar sobre este tema. Para tanto, peço compreensão e paciência, pois entender o histórico dessa trajetória se faz necessário para que se perceba a relevância e o papel daquela que me conduziu ao encontro de Thomas Merton (1915-1968).

Em 2009, tive o privilégio de conhecer a obra *Deserto vivo: Poustinia*[1], de Catherine de Hueck Doherty (1896-1985). Nesse livro, a autora propõe um lugar de silêncio, um "deserto vivo", como via de encontro com Deus. Não se trata, contudo, de um silêncio de fuga do mundo, como frequentemente ocorre no monasticismo católico, que busca refúgio em mosteiros ou conventos. Em vez disso, Doherty apresenta um espaço acessível a todos, especialmente àqueles que vivem em meio à realidade urbana. São pequenos lugares de encontro: o silêncio entre o despertar e o início do dia, o intervalo do almoço, o trajeto no ônibus rumo ao trabalho. Essa proposta possibilita uma ressignificação desses espaços cotidianos como lugares de encontro com o sagrado, oportunizando o diálogo consigo mesmo e com Deus. Pode-se dizer que esta concepção de Catherine Doherty serve, de certa forma, como um prelúdio para o que designaremos como Mística Intramundana em Thomas Merton.

Catherine Doherty foi uma das precursoras do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos em 1938. Residente no Harlem, ela assistiu a população negra local em suas necessidades por meio de um dos primeiros movimentos contemporâneo de leigos da Igreja Católica, denominado Friendship House. Nessa missão, contou com o apoio de outra importante ativista estadunidense, Dorothy Day (1897-1980). É possível afirmar que a experiência de Merton - carinhosamente chamado de "Tom" por Catherine - na Friendship House foi decisiva para sua trajetória, inclusive em sua decisão de ingressar na Ordem dos Monges Cistercienses e no sacerdócio católico. Esse aspecto é evidente em sua obra autobiográfica mais icônica, *A Montanha dos Sete Patamares (1948)*, na qual dedica oito páginas à sua amizade com Catherine e à sua experiência na Friendship House.

---

[1] Este livro foi publicado no Brasil com este título em 1975 pelas Paulinas, tendo como título original *"Poustinia: Encountering God in Silence, Solitude and Prayer".*

A amizade entre Thomas Merton e Catherine Doherty[2], a quem ele chamava de "A Baronesa", teve grande importância em sua formação humana e espiritual. A correspondência frequente entre ambos abordava temas como as dúvidas vocacionais de Merton, sua vida espiritual e as questões acerca da contemplação e da vida ativa. Pode-se dizer que, a partir dessa amizade, Merton encontrou inspiração e, talvez, o ponto de partida para desenvolver seu pensamento sobre a mística não dualista, segundo a qual Vida Ativa e Vida Contemplativa não se opõem, mas se complementam como expressões de uma mesma espiritualidade - a Mística Intramundana.

Posso afirmar, portanto, que Catherine de Hueck Doherty me apresentou Thomas Merton e, por sua vez, Merton me conduziu ao objeto deste estudo: o fenômeno da Mística Intramundana, o qual buscaremos compreender e aprofundar neste trabalho.

[2] Podemos ver a profundidade desta relação em uma obra publicada nos Estados Unidos em 2009 pela Ave Maria Press, chamada de *"Compassionate Fire: The Letters of Thomas Merton and Catherine de Hueck Doherty",* nesta obra podemos ver um compilado das cartas trocadas por Merton e Catherine, em que ela serve para ele como uma orientadora, chamada na Igreja Católica como "Mãe Espiritual". Para compreender mais sobre isso indico o artigo de Pe. Robert Wild no site: https://www.hprweb.com/2021/08/thomas-mertons-spiritual-mother/ . Acesso em: 28 de outubro de 2024.

# INTRODUÇÃO

A presente dissertação, intitulada "Entre a Contemplação e a Vida Ativa: A Mística Intramundana em Thomas Merton", propõe uma análise sobre o pensamento místico de Thomas Merton (1915-1968) presente em suas obras, identificando uma ruptura paradigmática do conceito sobre a mística, introduzindo uma forma nova forma do pensar místico.

Nos últimos anos, os estudos sobre mística têm crescido significativamente no Brasil. Iniciativas como as desenvolvidas pelo grupo Apophatiké, na PUC-Rio, têm desempenhado um papel central nesse avanço, contando com a colaboração de destacados pesquisadores, como Maria Clara Bingemer[3], Eduardo Guerrero Losso, Márcio Cappelli, entre outros. Essa expansão contribuí de forma expressiva para o aprofundamento do entendimento da mística, em especial da Mística Contemporânea, ampliando suas fronteiras na investigação acadêmica.

Apesar desse progresso, os estudos sobre Thomas Merton no Brasil ainda se apresentam de maneira tímida. Há poucas publicações, artigos e livros dedicados ao estudo de suas obras, o que contrasta com a relevância de sua produção no cenário internacional. No entanto, mesmo sendo escassa, as produções sobre Merton destacam-se por sua qualidade e profundidade, sendo capaz de oferecer perspectivas valiosas para o campo da mística. Entre os autores brasileiros que se dedicaram a esse tema, destacam-se Sibélius Cefas Pereira[4], autor de *Thomas Merton: Contemplação no Tempo e na História*, e Getúlio Antônio Bertelli[5], com a obra *Mística e Compaixão: A Teologia do Seguimento de Jesus em Thomas Merton*. Além disso, merece menção especial o trabalho de Faustino Teixeira, professor emérito da Universidade Federal de Juiz de Fora, que, ao longo de sua trajetória acadêmica,

[3] Maria Clara Bingermer é professora do Departamento de Teologia da PUC-RIO. Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma) e coordenadora do grupo de Estudos Interdisciplinares. em Mística. Apophatiké.

[4] Sibélius Pereira é Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF (2012) Professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Departamento de Filosofia. Atua na interface de distintos campos das ciências humanas tendo como um dos temas de suas pesquisas na Ciência da Religião/Teologia a mística cristã e espiritualidade com ênfase em Thomas Merton.

[5] Getúlio Bertelli é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2005). Pós doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP. (2010). Professor da Universidade do Estado do Paraná (UNESPAR), sendo o primeiro pesquisador no Brasil a concluir a sua pesquisa de Doutorado sobre Thomas Merton.

promoveu o estudo introdutório sobre Thomas Merton em uma disciplina de mística comparada no programa de Ciência da Religião desta mesma instituição.

Desta forma, esta pesquisa pretende contribuir para preencher a lacuna existente nos estudos sobre Thomas Merton no Brasil, ao mesmo tempo em que busca lançar uma luz sobre as possibilidades de interpretação de sua obra no contexto da Mística Contemporânea. A motivação deste trabalho é desenvolver uma reflexão sobre o entendimento da Mística Contemporânea em Merton, bem como evidenciar possibilidades que sejam pontos relevantes para áreas do conhecimento, como a Ciência da Religião, a Teologia, a Filosofia, entre outras.

Merton, nascido em 31 de janeiro de 1915, no sul da França, teve uma infância marcada por constantes mudanças e pela perda precoce dos pais. Esse trajeto incomum de um jovem cosmopolita, que viveu entre a França, Inglaterra e Estados Unidos, moldou sua perspectiva única sobre o mundo e a espiritualidade. Após uma busca intensa, converteu-se ao catolicismo em 1938 e, três anos depois, ingressou na comunidade monástica da Abadia Getsêmani, em Kentucky. A trajetória espiritual de Merton é marcada por uma evolução significativa em sua compreensão da relação entre vida contemplativa e ação no mundo.

Ao focarmos os estudos sobre Mística em Thomas Merton, buscaremos compreender como ele articula a tensão entre a vida contemplativa e a vida ativa. Faustino Teixeira, na apresentação do livro *Thomas Merton: Contemplação no tempo e na história de* Sibélius Pereira*,* afirma que:

> Sibélius busca mostrar como Merton reinaugura uma perspectiva mística novidadeira, de encontro com Deus na história: 'Quanto mais aprofundava sua busca pela transcendência, mais encontrava o seu tempo, com suas dores e angústias. E, inversamente, quanto mais descobria a seus semelhantes, num abraço cada vez mais amplo - tanto na perspectiva inter-religiosa como na perspectiva humana -, mais encontrava o divino'.[6] (Pereira, 2014, p.11)

Essa perspectiva proposta por Pereira, nos possibilita pensar a Mística Mertoniana não como uma experiência desvinculada da realidade cotidiana, mas como um modo de engajamento espiritual profundamente conectado com o mundo, à história e às relações humanas. Compreendendo o conceito, Pereira cria uma

[6] Nesta apresentação do livro de Sibélius, o Professor Faustino Teixeira ainda diz que, o trabalho de pesquisa de Sibélius, foi o melhor trabalho já construído sobre Thomas Merton no Brasil, sendo assim uma obra de grande relevância para a pesquisa mertoniana nacional.

categoria de análise chamada de “Mística Intramundana”, tal categoria nos ajudará na construção sistêmica da análise da Mística em Thomas Merton, promovendo a síntese que Merton realiza entre contemplação profunda e engajamento ativo no mundo. Em sua análise para a fundamentação desta categoria ele identifica algumas características:

- Integração entre contemplação e ação: A experiência mística não é vista como um fim em si mesma, mas como uma fonte de inspiração e energia para o engajamento no mundo.
- Reconhecimento da sacralidade do cotidiano: A Mística Intramundana busca encontrar o transcendente nas experiências e relações do dia a dia, não apenas em momentos de retiro ou práticas espirituais formais.
- Compromisso social: Há uma ênfase na responsabilidade social e na busca por justiça como expressões concretas da experiência mística.
- Diálogo intercultural e inter-religioso: A Mística Intramundana está aberta a insights de diferentes tradições espirituais, reconhecendo a universalidade da experiência mística além das fronteiras culturais e religiosas.
- Ecologia e consciência ambiental: Há uma compreensão da interconexão entre a espiritualidade e o cuidado com o meio ambiente, refletindo uma visão holística da realidade.
- Crítica social construtiva: A experiência mística é vista como uma fonte de discernimento para analisar e responder aos desafios sociais e culturais contemporâneos.

A categoria de "Mística Intramundana" nos permitirá analisar como Merton desenvolveu uma espiritualidade que integra profundamente a vida contemplativa com a vida ativa, bem como o engajamento nas questões sociais e políticas de seu tempo, oferecendo um modelo para pensar a relação entre espiritualidade e ação social no contexto contemporâneo. Esta perspectiva encontra eco em outros estudos sobre Merton, por exemplo o historiador e teólogo Dr. Philip Sheldrake[7] em seu artigo *Contemplation and social transformation: The example of Thomas Merton*, observa que:

[7] O professor Philip Sheldrake, é professor e diretor do Instituto de Estudo da Espiritualidade Contemporânea da Escola de Teologia Oblate, além de pesquisador sênior na Westcott House, na Federação Teológica de Cambridge, e pesquisador associado sênior do Instituto Von Hugel, St Edmund's College, Universidade de Cambridge.

> Merton gradualmente afastou-se de uma ênfase inicial do retiro contemplativo para uma crença de que a vida monástica é uma forma de solidariedade contra-cultural com aqueles que lutam pela transformação social e pela justiça. (Sheldrake, 2013, p. 182)

A problemática central desta pesquisa se desdobra em duas questões fundamentais: primeiro em como as obras de Merton podem ser utilizadas como ferramenta para analisar a Mística Contemporânea e sua relevância para o pensamento acadêmico? Segundo como a Mística Intramundana de Thomas Merton pode contribuir para a compreensão da religião como caminho concreto da justiça social?

A hipótese que norteia este estudo é de que Thomas Merton, suas obras e os estudos sobre seu pensamento demonstram uma clara relevância para a compreensão da Mística Contemporânea, especialmente nos estudos produzidos pela Ciência da Religião no Brasil. Suas obras (fonte primária) e as análises consolidadas a partir de seu pensamento (fonte secundária) formam um aporte teórico sólido que pode nos auxiliar em estudos empíricos da religião contemporânea e seus fenômenos, principalmente na compreensão da relação da religião e da justiça social.

Para compreender a profundidade e a originalidade da Mística Intramundana em Merton, se faz necessário situá-la no contexto mais amplo da história da mística cristã[8]. Como observa Marcus Reis Pinheiro, "a Mística cristã dos primeiros séculos nasce da conflagração de dois grandes rios, o da filosofia grega e o da lei hebraica" (Pinheiro, 2022, p. 13). Esta confluência de tradições continuou a moldar o desenvolvimento da mística cristã ao longo dos séculos, chegando às reflexões inovadoras de Merton no século XX.

A obra de Merton é vasta e multifacetada, abrangendo desde textos de espiritualidade e contemplação até ensaios sobre questões sociais e políticas, passando por poesia, crítica literária e diálogos inter-religiosos. Esta diversidade temática e estilística reflete a complexidade de seu pensamento e a evolução de sua compreensão sobre o papel do contemplativo no mundo moderno.

Outro aspecto crucial para a compreensão do pensamento de Merton é o processo de revisão e reelaboração constante de suas ideias, exemplificado de forma

---

[8] Não temos a pretensão de aprofundar a história da mística em si, pois tornaria este estudo muito extenso, porém compreendemos a importância de demonstrar que a história da mística contribui para demonstrar a novidade em Thomas Merton ao finalizar em sua proposta a dicotomia entre contemplação e vida ativa. Aprofundaremos sobre isso no segundo capitulo com o titulo “A mística: uma construção a partir da contemporaneidade”.

notável na comparação entre *Sementes da Contemplação (1949)* [9]e *Novas Sementes da Contemplação (1961).* No prefácio da segunda redação, Merton afirma:

> Esta não é apenas uma nova edição de um livro antigo. Em muitos modos é um livro inteiramente novo. [...] A segunda redação foi feita numa soledade tão grande quanto a primeira. Contudo, a solidão do autor modificara-se pelo contato com outras solidões; com o sentimento de soledade, a simplicidade, a perplexidade dos noviços e dos estudantes de teologia de sua comunidade monástica; com o sentimento de solidão de pessoas que não vivem em mosteiros. Com a solidão de pessoas fora do seio da Igreja (Merton, 2001, p.1).

Esta evolução reflete o próprio processo de Merton de reconciliar sua vocação contemplativa com um crescente senso de responsabilidade social e engajamento com o mundo. A Mística Intramundana em Merton não implica uma negação do mundo, mas sim uma abertura mais profunda para ele. Esta visão é corroborada por Susan Rakoczy, em seu estudo *'What does mysticism have to do with social justice?'* que diz:

> O misticismo, entendido como uma profunda experiência do Divino, não é uma negação do mundo, mas tem implicações importantes para as formas como as pessoas respondem aos seus contextos sociais e políticos. (RAKOCZY, 2013, p. 1).

É neste rico contexto histórico e teológico que devemos situar a contribuição única de Thomas Merton. A Mística Intramundana em Merton representa uma reinterpretação criativa desta longa tradição cristã à luz das realidades e desafios do mundo moderno. Ele busca integrar a profunda experiência contemplativa com um compromisso ativo com as questões sociais e políticas de seu tempo.

Em *A Montanha dos Sete Patamares(1948)*, sua autobiografia espiritual e obra seminal, Merton narra sua jornada de conversão e sua entrada na vida monástica. Nesta obra inicial, já se pode perceber a tensão entre o desejo de retirada do mundo e o reconhecimento da necessidade de engajamento com ele.

Esta tensão entre alienação e engajamento, entre contemplação e ação, torna-se um tema central no desenvolvimento do pensamento de Merton. Em *Sementes da Contemplação*, ele explora a natureza da vida contemplativa e sua relação com o

[9] Ao citarmos ao longo do texto o nome das obras de Thomas Merton, adotaremos a datação de sua primeira publicação, com a finalidade de dar ao leitor uma localização histórica desta obra, que permitirá compreender em qual época da vida de Merton a ela foi escrita, assim conseguimos vincular a obra com a fase da vida vivida por Thomas Merton no ano da escrita de sua obra.

mundo. Já nesta obra inicial, Merton argumenta que a verdadeira contemplação não é uma fuga do mundo, mas uma forma mais profunda de engajamento com ele:

> A contemplação não é e não pode ser um fim em si mesma. É um meio para um fim, um meio divino para um fim divino. Em si mesma, a contemplação é simplesmente a vida mais completa e mais profunda do homem (Merton, 1949, p. 15).

No entanto, é em *Novas Sementes da Contemplação (1961)* que Merton desenvolve mais plenamente sua compreensão da relação entre contemplação e ação. Nesta obra, ele argumenta que a verdadeira contemplação leva necessariamente a um engajamento mais profundo e compassivo com o mundo.

A Mística Intramundana em Merton representa uma síntese criativa de várias tradições e influências, ela integra a profunda experiência contemplativa da tradição monástica cristã com um compromisso ativo com as questões sociais e políticas do mundo moderno. Ela incorpora insights de outras tradições religiosas, particularmente do budismo Zen, para enriquecer e expandir a compreensão cristã da espiritualidade. E ela busca constantemente encontrar novas formas de articular a experiência do divino em termos que sejam relevantes e significativos para o mundo contemporâneo.

Esta síntese criativa torna Merton e sua obra particularmente relevante para os estudos contemporâneos sobre religião e espiritualidade. Sua abordagem integrativa oferece um modelo para pensar sobre a relação entre experiência religiosa e engajamento social, entre tradição e inovação, entre particularidade religiosa e diálogo inter-religioso.

Em um mundo cada vez mais polarizado e fragmentado, a visão integradora de Merton, que busca reconciliar a vida interior com o engajamento social, a tradição com a inovação, e o diálogo inter-religioso com o compromisso com a própria fé, oferece insights valiosos para enfrentar os desafios contemporâneos. Sua abordagem da contemplação como uma força que não aliena do mundo, mas que aprofunda nossa conexão com ele e nossa responsabilidade para com os outros, é particularmente relevante em um momento em que muitos buscam uma espiritualidade que seja ao mesmo tempo profunda e socialmente engajada.

Ao explorar estas e outras dimensões do pensamento de Merton através da categoria de análise da "Mística Intramundana", esta dissertação espera não apenas aprofundar nossa compreensão deste importante pensador, mas também contribuir

para o diálogo contínuo sobre o papel da espiritualidade na sociedade contemporânea.

A investigação se desdobra em três dimensões complementares:

- Primeiramente, propõe-se examinar a trajetória biográfica e intelectual de Merton, contextualizando seus principais escritos e analisando a evolução de seu pensamento sobre a relação entre vida contemplativa e engajamento social. Esta análise é fundamental para compreender como suas experiências pessoais e seu desenvolvimento espiritual moldaram sua compreensão única da mística.
- Em segundo, busca-se investigar sua concepção particular de mística e vida monástica, com especial atenção a como ele reinterpreta a rica tradição contemplativa cristã à luz das realidades do mundo moderno. Neste aspecto, o conceito de "Le Point Vierge" emerge como elemento central para compreender sua visão da experiência contemplativa e sua relação com o divino.
- Por fim, pretende-se analisar como Merton articula a relação entre mística e engajamento social, examinando de que forma sua compreensão da contemplação conduz naturalmente a um compromisso mais profundo com as questões sociais e políticas de seu tempo. Esta dimensão é particularmente relevante para compreender como sua Mística Intramundana oferece um modelo de espiritualidade que é simultaneamente contemplativa e socialmente engajada.

Esta estrutura investigativa permite uma análise abrangente da Mística Intramundana em Merton, revelando sua relevância contínua para os estudos contemporâneos sobre mística e espiritualidade, especialmente no contexto dos desafios sociais e espirituais do mundo atual.

# CAPÍTULO I

## 1. DE THOMAS MERTON

Este capítulo oferece uma introdução à vida e obra de Thomas Merton (1915-1968), um dos mais influentes místicos e escritores espirituais do século XX. Merton, monge trapista da Abadia de Getsêmani nos Estados Unidos, deixou um legado literário e espiritual que continua a impactar leitores e estudiosos ao redor do mundo.

O texto explora a trajetória de Merton, desde sua infância cosmopolita até sua conversão ao catolicismo e entrada na vida monástica. Destaca-se sua prolífica carreira como escritor, que abrange desde sua famosa autobiografia *A Montanha dos Sete Patamares* até obras mais maduras sobre contemplação, diálogo inter-religioso e questões sociais. O capítulo também aborda a evolução do pensamento de Merton, seu engajamento com o mundo contemporâneo e sua busca por uma espiritualidade autêntica e relevante.

A importância de Merton reside em sua capacidade de sintetizar a tradição contemplativa cristã com as preocupações do mundo moderno. Seu trabalho não apenas revitalizou a espiritualidade cristã, mas também estabeleceu pontes com outras tradições religiosas e abordou questões cruciais de justiça social, paz e ecologia. Este capítulo serve como uma introdução abrangente à vida e ao pensamento deste influente místico contemporâneo.

## 1.1– A Montanha dos Sete Patamares: uma breve biografia de Thomas Merton

> *"...poeta, escritor, ativista, contemplativo, reformador da vida monástica, artista, e ponte entre o pensamento religioso ocidental e oriental". Michael Mott[10] (1930-2019)*

Começaremos a apresentação da vida de Thomas Merton (1915-1968) com uma primeira explanação de sua obra mais conhecida *A Montanha dos Sete Patamares (1948)*. Uma autobiografia escrita entre 1944 e 1946, publicada pela editora Harcourt Brace em 1948, quando o autor tinha apenas 33 anos e residia há mais ou menos sete anos no mosteiro trapista de Gethsemani, no Kentucky, Estados Unidos. Ela foi escrita sob a supervisão editorial de Robert Giroux (1914-2008), renomado editor por ser trabalhado com dez ganhadores do Prêmio Nobel, como Hermann Hesse (1877 – 1962), T. S. Eliot (1888 – 1965), Pablo Neruda (1904 – 1973), Isaac Bashevis Singer (1902 – 1991), Derek Walcott (1930 – 2017), William Golding (1911 – 1993) e Seamus Heaney (1939 – 2013), além de ter editado cinco obras vencedoras do Prêmio Pulitzer e dez do National Book Award. A autobiografia de Merton se tornou rapidamente um best-seller nos Estados Unidos[11], inicialmente, foram planejadas 5.000 cópias como tiragem das vendas iniciais, mas, já no primeiro ano, as vendas ultrapassaram 600.000 exemplares. Embora a obra não tenha recebido prêmios, ela foi a mais significativa produção editada por Giroux.

Sobre a obra *A Montanha dos Sete Patamares (1948),* Paul M. Pearson em um artigo publicado na *Catholic Library World* em 2017, relembra que Thomas Merton, em preparação para fazer seus votos solenes no mosteiro em 19 de março de 1947, completou seu testamento, que foi assinado e testemunhado em 17 de fevereiro de 1947, jurando solenemente "doar e entregar" à Abadia de Gethsemani "todos os meus bens, tanto reais quanto pessoais, que possuo atualmente, e também quaisquer bens, tanto reais quanto pessoais, aos quais eu possa ter qualquer direito, título, interesse ou reivindicação no futuro".[12] Mais tarde, no mesmo dia, Merton retornaria ao escritório

---

[10] Michael Mott é considerado o biografo oficial de Thomas Merton, tendo como principal obra a *"The Seven Mountains of Thomas Merton"***.**

[11] BOOK of the times, Nova York, 21 de fevereiro de 1949. Disponível em: https://www.nytimes.com/1949/02/21/archives/books-authors.html?smid=url-share. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

[12] Esta é a fórmula utilizada na Ordem Trapista para o rito chamado de votos definitivos. Ao longo da sua formação o monge se prepara para a realização destes votos de castidade, pobreza, obediência e estabilidade, ao professar os votos solenemente, ele se torna parte integral da Ordem Trapista, oficialmente chamada de Ordem Cisterciense da Estrita Observância.

do abade para assinar o contrato para *A Montanha dos Sete Patamares (1948).*

É importante contextualizar a obra em relação as implicações que a publicação da autobiografia de Thomas Merton teve para a vida monástica cisterciense. Os monges desta ordem religiosa católica seguem rigorosamente a Regra de São Bento, são chamados a viver no silêncio e na humildade, evitando qualquer forma de notoriedade ou reconhecimento público.

Historicamente, a ordem mantinha seus membros afastados da fama, contudo, a publicação da obra de Thomas Merton representou uma exceção notável, não somente por seu caráter grandioso, mas por romper com o ordinário reservado à vida monástica. Foi-lhe dada uma permissão para que escrevesse a sua autobiografia, algo que resultou na incrível popularização dele e do mosteiro em que vivia, porém ele toma uma atitude de não ficar com a fama para si, pois isso lhe seria um mal como ele mesmo relata em suas obras ao falar sobre o mal do sucesso. Em resposta a está “tentação” de se autopromover, ele prontamente reconhece que o mérito e a responsabilidade pela obra são muito mais de seu Abade e diretor espiritual Dom Frederic Dunne do que dele.

Compreendendo a notoriedade da obra e da permissão concedida, precisamos entender a justificativa para que tal obra fosse produzida, segundo Paul M. Pearson[13] os graves problemas financeiros enfrentados pela comunidade monástica foram um fator determinante. Em uma entrevista com Naomi Burton, agente literária de Merton, revelou-se que a editora Harcourt Brace adiantou 1.000 dólares ao mosteiro para auxiliar nas "terríveis dificuldades financeiras". Esse contexto econômico desempenhou um papel central na decisão de permitir a publicação da obra, que mais tarde se tornaria um grande sucesso.

A estrutura de *A Montanha dos Sete Patamares (1948)* é fortemente inspirada na obra clássica de Dante, *A Divina Comédia*, Thomas Merton emprega a alegoria e o simbolismo presentes no texto dantesco para organizar sua própria narrativa, do qual toma como referência a metáfora do subir a montanha para o título de sua autobiografia. A divisão da obra em três partes reflete a jornada espiritual descrita por Dante, que passa pelo Inferno, Purgatório e Paraíso, simbolizando o progresso da alma humana em direção à iluminação e à união com o divino. Esse recurso literário

[13] Atual diretor do Thomas Merton Center na Bellarmine University, chefe de pesquisa do Merton Legacy Trust, também foi o 10º presidente da International Thomas Merton Society exercendo hoje a função de secretário na mesma associação.

oferece uma estrutura simbólica que orienta o leitor através da experiência contemplativa e espiritual de Merton.

Thomas Merton, ao escrever sobre sua própria história, não poderia prever o profundo impacto que *A Montanha dos Sete Patamares (1948)* teria na sociedade. Segundo Elena Malits (1932-2022), a obra "nos confronta com o que somos e com o que Deus deseja que nos tornemos. É um livro sobre transformações e sobre o mistério do ser humano chamado pela graça"(Malits, 1989, p.19). O crítico literário e poeta James Laughlin (1914-1997) também reflete sobre o sucesso da obra, segundo ele Thomas Merton abordou questões espirituais em um momento da história em que o público, especialmente os jovens, estava ávido por respostas, a ameaça atômica, a guerra e o descontentamento social tornaram o livro de Merton particularmente relevante, com sua mensagem simples e direta ressoando profundamente entre aqueles que buscavam sentido em tempos de incerteza. Tal impacto também pode ser visto em uma das sinopses escritas para a primeira edição, por Fulton Sheen[14] (1895-1979), quando se referiu a obra dizendo que segundo ele *A Montanha dos Sete Patamares (1948)* como uma versão contemporânea das Confissões de Santo Agostinho, também foi amplamente elogiado por críticos literários como Evelyn Waugh (1906-1966) e Graham Greene (1904-1991).

Até aqui, compreendemos que a obra de Thomas Merton pode ser vista como uma importante fonte primária que nos revela quem foi este autor, é um primeiro passo para a contextualização do seu pensamento descrito com uma verdadeira estética de artista herdada dos seus pais.

A obra aqui descrita não é a única que segue este gênero literário, encontramos em outros diários um amadurecimento processual do pensamento do autor, principalmente na compreensão de si e na sua cosmovisão, sobre isto o autor afirma em uma rara e longa entrevista[15] ao jornalista Thomas P. McDonnell, que ao ser perguntado se a retórica de sua obra é o fim ou o início da viagem do monge, Thomas Merton responde que:

---

[14] Foi bispo auxiliar de Nova York e conhecido por ser um dos grandes comunicadores católicos dos Estados Unidos conduzindo programas de rádio como The Catholic Houer na NBC (1930-1957) e na televisão com os programas Life Is Worth Living (1952-1957) e The Fulton Sheen (1961-1968), ganhando duas vezes o prêmio Emmy como Personalidade Mais Notável da Televisão.

[15] KILCOURSE, George. Celebrating Thomas Merton. Chourier-Journal, Louisville-KY, 6 de fevereiro de 2015. Para mais informações sobre está entrevista acesse: https://www.courier-journal.com/story/opinion/contributors/2015/02/06/celebrating-thomas-merton/22999407/ . Acesso 27 de novembro de 2024

> "Infelizmente, o livro foi um best-seller e tornou-se uma espécie de lenda edificante.... É um destino terrível e eu estou fazendo o meu melhor para o superar", para Thomas Merton o reconhecimento ou até mesmo o sucesso é tido como um mal, sobre isso ele vai dizer na mesma entrevista que a forma de superar este “problema do sucesso” é compreender que "A lenda é mais forte do que eu. No entanto, revolto-me contra ela e mantenho o meu direito humano básico de não ser transformado num mito católico para as crianças das escolas paroquiais."(Kilcourse, 2014)

Após introduzirmos uma das principais obras de Thomas Merton agora se faz necessário entender quem foi o seu autor.

Thomas Merton, nasceu em Prades, França no dia 31 de janeiro de 1915, filho de Owen Heathcote Grierson Merton (1887-1932), um artista neozelandês, e Ruth Calvert Jenkins Merton (1887-1921), uma artista norte americana, cresceu em um ambiente cercado por arte e cultura, mas também no meio dos horrores da primeira grande Guerra:

> A não muitas centenas de quilômetros da casa em que nasci, estavam recolhendo homens que apodreciam em pântanos de chuva por entre cavalos mortos e desventrados canhões 75, numa floresta de tocos sem galhos ao longo do rio Marne. Meu pai e minha mãe achavam-se cativos nesse mundo, sabendo que não pertenciam nem aderiam ao mesmo; ainda assim eram incapazes de se arrancarem dele. Achavam-se nesse mundo, mas não faziam parte dele — não porque fossem santos, mas por motivo diferente: porque eram artistas. A integridade dum artista soergue um homem acima do nível do mundo, sem, todavia, livrá-lo de todo. (Merton, 2018, p.9)

Ainda muito jovem, Thomas Merton mudou-se com sua família para os Estados Unidos em 1916, onde viveram com a família de sua mãe em Douglaston, Long Island, dois anos após sua mudança nasce seu irmão John Paul Merton (1918-1943). Sua infância foi marcada por tragédias familiares, como a morte de sua mãe em 1921, vítima de câncer no estomago, quando ele tinha apenas seis anos. Após essa perda, Thomas Merton e seu pai se mudaram para as Bermudas, onde Owen continuou a pintar, antes de retornarem à França em 1925.

Merton passou parte de sua adolescência na França, vivendo em St. Antonin com seu pai, foi educado no Lycée Ingres, em Montauban. Em 1928, foi enviado para a Inglaterra, onde ingressou no Ripley Court e, posteriormente, na Oakham School. Sua educação na Inglaterra marcou uma fase importante de sua formação acadêmica e pessoal, contudo, em 1931, sua vida foi novamente abalada pela morte de seu pai,

que faleceu de um tumor cerebral. Esse evento intensificou o sentimento de desorientação e solidão que o acompanharia durante grande parte de sua juventude.

Apesar das perdas familiares, Merton demonstrou grande capacidade intelectual e conquistou uma bolsa de estudos para o Clare College, em Cambridge, onde começou seus estudos de línguas modernas, com foco em francês e italiano, em 1933. Sua estadia em Cambridge foi curta, pois Merton viveu uma fase conturbada, marcada por excessos e uma vida pessoal desregrada, alguns dos seus biógrafos falam de uma relação com uma jovem e uma gravidez não planejada e não assumida, provavelmente o que o levou a expulsão da universidade tendo que retornar aos Estados Unidos em 1934.

De volta aos Estados Unidos, Merton ingressou na Universidade de Columbia, onde encontrou um ambiente mais propício para sua reflexão intelectual e espiritual. Durante seus anos em Columbia, Merton editou o anuário de 1937 e foi editor de arte do Columbia Jester, uma revista de humor da universidade. Foi também nesse período que começou a se interessar por questões filosóficas e teológicas, o que o levou à sua conversão ao catolicismo em 1938. Em 16 de novembro daquele ano, ele foi recebido na Igreja Católica na Igreja de Corpus Christi, em Nova York, um marco decisivo em sua vida espiritual.

Após sua conversão, Merton começou a lecionar inglês no St. Bonaventure College entre 1940 e 1941, mas sentia que sua vocação era outra. Em 10 de dezembro de 1941, ele entrou na Abadia de Nossa Senhora de Gethsemani, uma comunidade trapista no Kentucky. A Ordem Cisterciense da Estrita Observância, conhecida como Trapistas, era uma das ordens monásticas mais rigorosas, enfatizando o silêncio, a oração e a contemplação. Merton logo se destacou dentro da comunidade monástica, não apenas por seu intelecto, mas também por sua dedicação espiritual.

Os primeiros anos de Merton no mosteiro foram marcados por uma profunda transformação espiritual. Em 19 de março de 1944, ele fez seus votos simples. Em 1947, fez seus votos solenes e foi nesse período que Merton começou a trabalhar em sua autobiografia, *A Montanha dos Sete Patamares*, que se tornaria um best-seller internacional. Publicado em 1948, o livro contou a sua história, desde o seu nascimento, a sua conversão e entrada na vida monástica, e foi amplamente aclamado por sua profundidade espiritual e honestidade.

A publicação de *A Montanha dos Sete Patamares (1948)* marcou um ponto de

virada na vida de Merton, o sucesso do livro trouxe-lhe uma fama inesperada, o que foi, de certa forma, um paradoxo, dado que a vida monástica trapista exigia reclusão e anonimato. No entanto, Merton navegou essa tensão de forma notável, usando sua visibilidade pública para abordar questões espirituais e sociais de grande relevância. Em 26 de maio de 1949, ele foi ordenado sacerdote, e sua produção literária continuou a florescer, com obras como *Sementes da Contemplação* e *The Tears of the Blind Lions*, ambas publicadas em 1949.

Nos anos que se seguiram, Merton combinou sua vida monástica com uma intensa produção intelectual e literária. Entre 1951 e 1955, ele atuou como Mestre em Escolástica, supervisionando a formação de alunos para o sacerdócio. Durante esse período, ele publicou importantes obras, como *A Ascensão para a Verdade* (1951) e *O Signo de Jonas* (1953), que aprofundaram sua reflexão sobre a vida espiritual e a busca por Deus. Merton acreditava que a contemplação era o caminho para a verdade última e, ao longo de sua vida, explorou essa temática em várias de suas obras.

Em 1955, Merton foi nomeado Mestre de Noviços, uma posição que ocupou até 1965. Durante essa década, ele orientou a formação de novos monges, ajudando-os a cultivar a vida espiritual e a prática da contemplação. Suas reflexões sobre a vida monástica e o papel do monge na sociedade contemporânea foram articuladas em livros como *Homem Algum é uma Ilha* (1955) e *A Vida Silenciosa* (1957). Merton acreditava que o monaquismo oferecia uma alternativa radical à sociedade moderna, proporcionando um espaço de resistência espiritual contra o materialismo e o individualismo.

No final da década de 1950 e início da década de 1960, Merton começou a se envolver mais profundamente com questões sociais e políticas. Ele se tornou um avido crítico da corrida armamentista nuclear e da violência racial nos Estados Unidos. Em sua obra *Na Liberdade da Solidão* (1958), Merton expressou sua preocupação com o estado do mundo moderno, chamando a atenção para a necessidade de uma espiritualidade autêntica e transformadora. Ele acreditava que a vida contemplativa oferecia uma resposta às crises sociais e espirituais de seu tempo.

A década de 1960 foi um período de intensa atividade para Merton. Em 1961, ele publicou O *Homem Novo*, uma obra em que explorava a necessidade de uma renovação espiritual no mundo moderno. Ele também começou a se interessar pelo diálogo inter-religioso, particularmente com as tradições espirituais do Oriente, como o Zen Budismo. Merton acreditava que as tradições religiosas do Oriente e do

Ocidente tinham muito a aprender umas com as outras e começou a promover o diálogo entre elas. Esse interesse culminou na publicação de *O Caminho de Chuang Tzu* (1965), uma coletânea de reflexões sobre a filosofia taoísta.

Em 1965, Merton tomou a decisão de viver como eremita em um casebre dentro do terreno do mosteiro, buscando maior isolamento e contemplação. Esse período de reclusão foi acompanhado por uma produção literária significativa, incluindo obras como *Reflexões de um Espectador Culpado* (1966) e *Raids On the Unspeakable* (1966). No entanto, mesmo vivendo como eremita, Merton continuou a se envolver com questões sociais e espirituais globais. Ele manteve correspondência com líderes religiosos e ativistas de todo o mundo, incluindo figuras como o Dalai Lama e Thich Nhat Hanh.

O interesse de Merton pelas religiões asiáticas e pelo diálogo inter-religioso culminou em uma viagem ao Extremo Oriente em 1968. Durante essa viagem, Merton encontrou-se com líderes espirituais de várias tradições, incluindo o Dalai Lama, que elogiou Merton por sua compreensão profunda do budismo. Essa viagem foi um momento importante na vida de Merton, pois representou a concretização de sua busca por um diálogo espiritual mais amplo entre as tradições religiosas do mundo.

Infelizmente, a vida de Thomas Merton foi tragicamente interrompida em 10 de dezembro de 1968, quando ele morreu em Bangkok, Tailândia, enquanto participava de uma conferência sobre o diálogo monástico Leste-Oeste. A data de sua morte, curiosamente, coincidiu com o 27º aniversário de sua chegada à Abadia de Gethsemani. Merton deixou um legado duradouro, não apenas como um dos maiores escritores espirituais do século XX, mas também como um defensor incansável da paz, da justiça e do diálogo inter-religioso.

## Conclusão

Vida e obra contam uma mesma história, um monge em ascensão literária, um jornalista místico, um surgir de uma possibilidade de um diálogo entre contemplação e ação, uma Mística Intramundana em uma realidade histórica que se faz necessário não fugir do mundo, mas abraçá-lo em suas possibilidades de transformação.

Entender que Merton não chega no mosteiro como alguém a ser modelado, mas um ser humano maduro, com ideias, propostas, uma vida já vivida, nos faz entender que desde o seu princípio monástico, Merton já demonstrava o caráter

progressivo, de alguém que tinha um olhar diferenciado para as realidades religiosas do seu tempo, talvez uma herança de seus pais artistas que conseguiam ler no presente uma perspectiva que ao mesmo tempo era subjetiva, estética, também era uma visão aprofundada da realidade que não é só aparente, mas possuí uma essência que fala por si.

## 1.2 – Um panorama das obras de Thomas Merton[16]: uma proposta de categorização

> *"Deus trabalha na história, portanto, um contemplativo que não tem nenhum senso e responsabilidade histórica, não é verdadeiramente um contemplativo cristão." William H. Shannon[17] (1917-2012)*

A obra de Thomas Merton, pela sua vastidão e complexidade, demanda uma categorização que permita uma compreensão mais aprofundada de seu pensamento. Embora Thomas Merton não tenha sistematizado sua produção ou a classificado de forma que tais obras se dividam em algum tipo de gênero literário, é possível identificar de certa forma eixos temáticos que revelam uma coerência profunda em seus escritos. Seus trabalhos, que abrangem desde reflexões autobiográficas até análises sociais e diálogos inter-religiosos, sempre buscam integrar a vida espiritual à realidade contemporânea.

A fim de produzir uma possibilidade de classificação de suas obras e assim demonstrar ou pelo menos facilitar um estudo mais sistêmico de Thomas Merton, trago uma sugestão, que não busca e nem quer ter a pretensão de ser algo estático, mas uma possibilidade de se entender o autor pelas suas obras, dito isto, proponho seis categorias principais: autobiografia e escritos pessoais, onde explora sua vida e jornada espiritual e os desafios enfrentados; vida contemplativa e espiritualidade cristã, onde se concentram suas reflexões sobre a vida monástica e a mística cristã; teologia social e justiça, onde aborda questões como pobreza, guerra, segregação racial entre outras questões da sociedade; diálogo inter-religioso e sabedoria oriental, onde explora as religiões orientais que Merton tinha tanto apreço, bem como a sua busca de um ponto de diálogo inter-religioso, novidade para a realidade da Igreja Católica da época; escritos literários e poesia, onde utiliza a linguagem literária para expressar a experiência espiritual bem como a sua grande paixão poética; ensaios e escritos diversos, que complementam a compreensão da obra, onde encontram

[16] Não tenho a pretensão de explicar todas as obras de Thomas Merton, mas trazer uma possibilidade de uma categorização em 6 temas distintos, para compreender melhor a obra de Thomas Merton, sugiro a leitura do Merton *Vade Mecum* escrito por Patricia A. Burton e Patrick F. O'Connell, produzido pelo Thomas Merton Center na Bellarmine University em 2016. Também disponibilizo ao final deste trabalho o Anexo I, uma lista com as obras de Thomas Merton e o ano de lançamento de cada uma delas.

[17] William H. Shannon foi presidente fundador da International Thomas Merton Society, editor geral das cartas de Thomas Merton, periodista e co-autor da *The Thomas Merton Encyclopedia* com Christine Bochen e Patrick E. O'Connell, autor da aclamada biografia de Merton, *Silent Lamp.*

pensamentos importantes. Essa categorização propõe uma leitura mais sistemática, evidenciando a interconexão entre os diversos temas abordados por Merton, auxiliando a pesquisa em suas obras.

Ao longo de sua produção, Merton demonstra uma habilidade singular em conectar a experiência pessoal com questões universais, a espiritualidade com o engajamento social, e a tradição cristã com as sabedorias orientais. A organização da obra de Merton nessas categorias busca revelar a evolução de seu pensamento ao longo dos anos e o impacto duradouro de suas ideias. Merton não apenas aprofundou a compreensão da espiritualidade cristã, mas também contribuiu significativamente para o diálogo inter-religioso e para a reflexão sobre os desafios da sociedade contemporânea.

**Autobiografia e Escritos Pessoais: A Jornada Interior de Thomas Merton:**

A categoria "Autobiografia e Escritos Pessoais" compreende as obras de Thomas Merton que oferecem uma visão íntima de sua jornada espiritual e intelectual. Nesses textos, o autor explora suas experiências pessoais, reflexões e dúvidas, proporcionando ao leitor um acesso privilegiado à formação de sua identidade como monge e pensador.

Obras como *A Montanha dos Sete Patamares* e os diários de Merton são fundamentais para compreender a evolução de sua espiritualidade, neles, o autor narra sua conversão ao catolicismo, sua entrada na vida monástica e as lutas internas que marcaram sua jornada. A autenticidade com que Merton compartilha suas experiências, incluindo suas dúvidas e fracassos, torna sua espiritualidade acessível e inspiradora.

A força desses escritos reside na capacidade de Merton de conectar o universal ao particular. Ao narrar sua própria história, ele toca em temas universais como a busca por significado, a solidão, a comunidade e a relação entre o indivíduo e o divino. A vida interior de Merton, rica e complexa, permeia toda a sua produção literária, tornando seus escritos profundamente pessoais e, ao mesmo tempo, universalmente relevantes.

**Vida Contemplativa e Espiritualidade Cristã: O Núcleo da Obra de Merton:**

A categoria "Vida Contemplativa e Espiritualidade Cristã" abriga as obras de Thomas Merton que se concentram em sua busca do sentido religioso e a plenitude

cristã através da prática contemplativa. Profundamente influenciado pela tradição que ele está inserido, bem como pela prática dos eremitas da primeira era cristã, Merton explorou em profundidade temas como a oração, o silêncio, vida interior, o ascetismo e a mística, demonstrando em sua obra uma novidade  aos leitores ferramentas para cultivar uma espiritualidade mais profunda.

Obras como *Sementes da Contemplação (1949)* e *Homem algum é uma ilha (1955)* são exemplos emblemáticos dessa categoria, nas quais o autor compartilha suas experiências e reflexões sobre a prática contemplativa em uma realidade da sociedade contemporânea. Merton acreditava que a contemplação não era uma prática exclusiva dos monges, mas um caminho acessível a todos que buscassem uma conexão mais profunda com Deus. Sua abordagem, que combina elementos da tradição mística cristã com uma sensibilidade moderna, torna seus escritos relevantes tanto para leigos quanto para religiosos, promovendo aquilo que chamamos de Mística Intramundana.

A distinção desta categoria reside na ênfase que Merton dá à importância da vida interior, para ele, a contemplação não era apenas uma fuga do mundo, mas um caminho para uma maior compreensão da realidade e um engajamento mais profundo com o outro. O contemplativo, segundo Merton, é aquele que, ao cultivar uma vida interior rica, torna-se mais sensível às necessidades do mundo e mais comprometido com a busca pela justiça.

**Teologia Social e Justiça: O Compromisso de Merton com a Transformação Social:**

A categoria "Teologia Social e Justiça" engloba os escritos de Thomas Merton que abordam a interseção entre fé e ação social. Nessa categoria, Merton demonstra um profundo compromisso com a justiça e a transformação do mundo, argumentando que a espiritualidade cristã não pode ser dissociada da luta contra a injustiça.

Obras como *Faith and Violence (1968)* e Sementes de Destruição *(1964)* exemplificam essa preocupação, abordando temas como racismo, pobreza e a crise espiritual e humanitária da sociedade moderna. Merton não se limita à reflexão “contemplativa” ou de escritos espirituais, ele se posiciona como um crítico social, denunciando as injustiças de seu tempo e defendendo a não-violência como caminho para a paz.

A teologia social de Merton encontra suas raízes na convicção de que a

contemplação deve conduzir à ação, para ele, a vida espiritual autêntica implica um engajamento ativo na transformação da sociedade. O cristão, segundo Merton, é chamado a ser um agente de mudança, a resistir à opressão e a lutar pela dignidade de todos os seres humanos. Vemos em suas obras uma aproximação com os grandes nomes do chamado Humanismo Cristão, como Jacques Maritain, Dietrich Bonhoeffer, Martin Luther King Jr. e seu diálogo constante também com lideranças religiosas não cristãs como Gandhi e Dalai Lama.

Um fato importante que podemos destacar neste aporte teórico de sua Teologia Social foi a inspiração no início de sua caminhada vocacional, quando ainda não era um monge, a sua convivência com Doroth Day foi de crucial importância para o desdobrar do amadurecimento do seu pensamento.

**Diálogo Inter-religioso e Sabedoria Oriental: A Busca de Merton por uma Espiritualidade Dialogal:**

A categoria "Diálogo Inter-religioso e Sabedoria Oriental" reúne as obras de Thomas Merton dedicadas à exploração de tradições espirituais não cristãs, especialmente as orientais. Merton demonstra um profundo interesse pelo budismo, taoísmo e hinduísmo, buscando encontrar pontos de diálogo entre essas tradições e o cristianismo.

Obras como *A Via de Chuang Tzu (1965)* e *Zen e as Aves de Rapina (1968)* exemplificam essa busca por uma espiritualidade dialogal. Merton não via as religiões como concorrentes, mas como diferentes caminhos para uma possibilidade de se encontrar uma verdade última. Seu interesse pelo Zen budismo, por exemplo, era motivado pela semelhança que ele percebia entre a experiência mística cristã e a busca pela iluminação no Zen.

Ao classificar essas obras, destaca-se o papel pioneiro de Merton no diálogo inter-religioso, ele foi um dos primeiros teólogos cristãos a buscar ativamente a sabedoria das tradições orientais, desafiando a visão exclusivista predominante em sua época, com isso enfrentou duras críticas, mas Merton sabia ler os sinais dos tempos, principalmente a urgência do diálogo inter-religioso que seria discutido no Concilio Vaticano II, a qual ele expõe suas observações em seu livro *A Igreja e o mundo sem Deus (1965)*, fazendo uma reflexão sobre uma constituição conciliar chamada *Gaudium et Spes*, tratando sobre o papel da Igreja Católica no Mundo. Merton acreditava que o diálogo inter-religioso era um caminho para construir pontes,

derrubar muros e promover uma espiritualidade inclusiva e dialogal.

**Escritos Literários e Poesia: A Poesia como Caminho Espiritual:**

A categoria "Escritos Literários e Poesia" abarca as obras de Thomas Merton que exploram a linguagem poética como um meio de expressão espiritual e artística. Antes mesmo de sua conversão ao catolicismo, Merton já demonstrava um talento nato para a escrita, e a poesia continuou sendo uma companheira constante ao longo de sua vida monástica.

Para Merton, a poesia não era apenas uma forma de expressão artística, mas também um caminho para a contemplação e a compreensão profunda da condição humana. Seus poemas, como os reunidos em obras como *Thirty Poems (1944)* e *Cables to the Ace (1968)*, revelam uma preocupação com a linguagem como veículo para a emancipação da alma. A poesia, para ele, transcendia o discurso racional, permitindo um acesso mais direto aos mistérios da existência.

Nesta categoria destaca-se a interconexão entre a espiritualidade e a criatividade literária em Merton, seus poemas frequentemente abordam temas como solidão, sofrimento, busca espiritual, amor e redenção, revelando uma profunda reflexão sobre a experiência humana e a natureza divina. A poesia, para Merton, era uma forma de meditar sobre os grandes mistérios da vida.

**Ensaios e Escritos Diversos: A Versatilidade do Pensamento de Merton:**

A categoria "Ensaios e Escritos Diversos" concerne a vasta gama de textos de Thomas Merton que não se encaixam perfeitamente nas categorias anteriores devido a amplitude das tramas trabalhadas nele, provavelmente fariam parte de duas ou mais categorias, neste caso está categoria se torna uma gama de obras mas gerais, porém que são igualmente importantes para compreender a amplitude de seu pensamento. Nesses escritos, Merton explora uma variedade de temas, desde questões teológicas profundas até críticas sociais e culturais.

Obras como Ascenção para a Verdade *(1951)* e *Raids on the Unspeakable (1966)* são exemplos dessa diversidade, demonstrando a capacidade de Merton de abordar temas complexos com clareza e profundidade, ele explora questões como a teologia apofática, a natureza de Deus e a alienação do ser humano moderno, sempre buscando uma compreensão mais profunda da realidade.

A classificação desses escritos como "diversos" não diminui sua importância,

mas sim reconhece a versatilidade de Merton como pensador que, não se limitou à vida contemplativa, mas engajou-se ativamente com as questões mais urgentes de seu tempo. Ao classificar esses escritos, reconhecemos Merton como um teólogo, filósofo e crítico social que transcendeu as fronteiras da vida monástica para se envolver criticamente com o mundo exterior.

## Conclusão

A categorização das obras de Thomas Merton em seis eixos temáticos - autobiografia e escritos pessoais, vida contemplativa e espiritualidade cristã, teologia social e justiça, diálogo inter-religioso e sabedoria oriental, escritos literários e poesia, e ensaios e escritos diversos - revela a riqueza e complexidade de sua produção intelectual e espiritual. Essa organização não apenas visa facilitar o estudo de sua obra, mas também evidencia a interconexão entre os diversos aspectos de seu pensamento com diferentes áreas do saber.

Ao explorar as autobiografias e escritos pessoais, mergulhamos na jornada interior de Merton, testemunhando sua busca por significado e a evolução de sua espiritualidade e humanidade.

É importante ressaltar que essas categorias não são estanques, mas sim interligadas. A vida contemplativa, por exemplo, não se limita à experiência individual, mas se manifesta também em seu engajamento social e em sua busca por uma espiritualidade universal. Da mesma forma, a poesia de Merton é profundamente influenciada por sua experiência contemplativa e por sua busca pela verdade.

Em suma, a proposta de categorização das obras de Thomas Merton nos permite apreciar a riqueza e a complexidade de seu pensamento, revelando um ser humano intimamente envolto da Mística Contemporânea, na busca da verdade de fé que para ele é muito singular, clara, concreta. Sua obra continua a inspirar e a desafiar aqueles que buscam uma vida mais profunda e significativa, bem como aqueles que buscam a base analítica para a religião no mundo contemporâneo, Thomas Merton oferece uma gama de ferramentas tanto para uma jornada espiritual e quanto intelectual.

## 1.3 Thomas Merton e a evolução de seu pensamento

> *"Meu mosteiro é um lugar onde eu desapareço do mundo como um objeto de interesse para estar presente em todo ele por meio do desapego de mim mesmo e da compaixão. Para existir em todos os lugares, preciso ser um 'ninguém'."*[18] *Thomas Merton*

Thomas Merton, em meados de 1960, como já citado no inicio deste capítulo, se percebe como alguém que passou por um processo de amadurecimento, ele não é o mesmo de quando escrevera sua obra mais popular *A Montanha dos Sete Patamares(1948)*, ele está mais maduro, com ideias mais concretas e concisas, seus escritos já não tem o mesmo teor de uma contemplação como uma fuga do mundo, mas escreve como alguém tem uma *"sensibilidade ad extra - ou seja, para além do claustro e dos muros do convento" (Bingermer, 2018, p.7)*.

As guerras, os riscos nucleares, os direitos civis e a segregação racial, a não violência, o pacifismo, a ecologia, o diálogo ecuménico e inter-religioso, as relações com a cultura oriental, começam a ser o foco de muitos de seus escritos, aquele monge construído pela obra *A Montanha dos Sete Patamares(1948)* já não é mais o mesmo, agora vemos um pacifista, um critico a guerra do Vietnã e a corrida atómica, um avido questionador das realidades raciais dos Estados Unidos, um religioso preocupado com a situação de muitos amigos na América Latina que vive o terror de um totalitarismo militar, o monge agora é conhecido como um escritor pacifista, que abraça o mundo dentro do seu claustro.

É possível identificar, ao longo das obras de Thomas Merton, uma evolução em seu pensamento, principalmente sobre questões sociais, David W. Givey[19] em sua obra *The Social Thought of Thomas Merton (1983)* dedica um capítulo inteiro para falar sobre esta evolução de consciência. Ele aponta que a trajetória de Merton começou com um foco estrito na vida monástica e contemplativa, fato este demonstrado na decisão de ingressar no Mosteiro de Gethsemani em 1941, que marcou um ponto de ruptura com o mundo exterior, relatado pelo próprio Merton na sua obra *A Montanha dos Sete Patamares(1948)*, onde descreveu sua jornada de conversão ao catolicismo e o subsequente ingresso na vida cisterciense.

---

[18] Prefácio da edição japonesa de Thomas Merton, A Montanha dos Sete Patamares, citado por Monica Furlong em Merton — A Biography (San Francisco: Harper & Row, 1980), p. 267.

[19] David M. O'Connell é o 10º bispo de Trenton e ex-presidente da Catholic University of America de Washington, nasceu em 21 de abril de 1955, na Filadélfia.

Podemos descrever este período inicial como uma busca de afastamento das distrações mundanas, em uma tentativa de alcançar uma maior comunhão com Deus por meio da oração e da solidão, um fugir do mundo, um ascetismo extramundano.[20]

Nesta etapa de sua vida, Merton via o mundo como essencialmente corrompido e inclinado ao pecado, uma visão que refletia uma compreensão tradicional da ascese cristã, na qual o afastamento do mundo era necessário para alcançar a plenitude espiritual. Sua visão de mundo era dualista: o monge contemplativo era chamado a rejeitar as distrações materiais e a cultura moderna para buscar o transcendente.

Como sugere Givey, essa postura inicial seria apenas o começo de um processo mais complexo de desenvolvimento intelectual e espiritual de Merton, ele passou de um isolamento rigoroso para uma abertura ao mundo, envolvendo-se cada vez mais com questões sociais e morais, como a guerra, a paz, a justiça racial e a injustiça econômica.

A primeira fase da evolução do pensamento de Merton pode ser descrita como uma busca profunda pela contemplação e por uma experiência direta com Deus, está fase enfatiza a importância da solidão e do silêncio para o desenvolvimento espiritual, uma decisão de se afastar do mundo secular como uma necessidade para alcançar a união mística com Deus. Ele acreditava que a separação do mundo era não apenas desejável, mas necessária para buscar a Deus.

Durante esse período, sua compreensão de mundo era fortemente influenciada pela tradição monástica cisterciense, particularmente pela teologia de figuras como São Bernardo de Claraval, que via o afastamento do mundo como uma condição essencial para a contemplação. Merton descrevia o mosteiro como um refúgio espiritual, onde poderia encontrar a paz interior e evitar as tentações do mundo moderno, entendia o mundo como um lugar de distração e pecado, que precisava ser evitado para que a alma pudesse alcançar a santidade.

Esse enfoque exclusivamente contemplativo caracterizou os primeiros anos de Merton no mosteiro, nós podemos encontrar tal referência quando lemos os seus primeiros escritos até meados de 1950, sua escrita foi extensivamente para falar sobre o valor da vida monástica e a necessidade de se afastar das distrações mundanas. Contudo, mesmo nesse período inicial, já era possível identificar alguns traços de uma curiosidade intelectual que, eventualmente, o levaria a reconsiderar a relação entre

[20] Este conceito de ascetismo extramundano pode ser encontrado na obra *"A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo"* de Max Weber.

contemplação e ação.

A segunda fase da evolução do pensamento de Merton é marcada por uma reavaliação de sua compreensão da espiritualidade e sua relação com o mundo, podemos ver isso no final da década de 1950, quando Merton começou a perceber que a vida contemplativa, embora essencial, não poderia ser totalmente separada das questões sociais e morais que afligiam o mundo exterior. Essa mudança de perspectiva é claramente expressa em suas obras escritas durante esse período, como *O Signo de Jonas(1953)*, onde ele começa a explorar a ideia de que o monge, mesmo em sua solidão, não pode ignorar os sofrimentos da humanidade.

A transição de Merton para um engajamento mais ativo com as questões sociais foi influenciada por uma série de fatores, incluindo suas leituras de teólogos e místicos de outras tradições religiosas[21], bem como seu contato com o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos e as crescentes tensões da Guerra Fria. Ele começou a perceber que o afastamento completo do mundo não era suficiente para viver uma vida espiritual plena. Como monge, ele tinha a responsabilidade de se envolver com os problemas do mundo encontrando também nesta realidade a sua vocação a contemplação.

Durante esse período, Merton começou a criticar abertamente a corrida nuclear e os medos da guerra fria, bem como as injustiças sociais e raciais. Ele passou a ver a não-violência como uma extensão lógica da vida contemplativa, entendendo como esta prática se daria em uma realidade de vivência contemplativa e ação concreta.

Se a contemplação envolve a busca pela paz interior e pela união com Deus, então ela também deve levar a uma rejeição ativa da violência e da injustiça no mundo exterior, neste intuito e como forma de protestar contra todo tipo de violência, Merton escreveu diversos ensaios e cartas denunciando a corrida armamentista nuclear, pedindo uma solução pacífica para os conflitos, acreditando que a verdadeira vida contemplativa deveria envolver não apenas a busca pela santidade pessoal, mas também o compromisso com a paz e a justiça no mundo.

Givey vai indicar que essa fase da vida de Merton representa uma síntese entre contemplação e ação. Ele começou a reconhecer que a verdadeira contemplação não poderia ser separada das questões sociais e políticas, pois a busca pela paz interior,

[21] No site oficial encontramos a relação de livros que eram de uso pessoal de Thomas Merton, bem como as anotações que o mesmo fazia nestes livros. Disponível em: https://merton.org/Research/Marginalia/shelf.aspx Acesso em: 01 de outubro de 2024.

deveria se traduzir em um compromisso ativo com a realidade social vivida.

A terceira fase do amadurecimento da consciência social de Merton, podemos sugerir que foi marcada por um engajamento profundo com as questões globais, que se tornou central em seu pensamento nos anos 1960. Durante essa fase, Merton expandiu ainda mais sua visão de espiritualidade, incorporando a sua realidade contemplativa-ativa as preocupações com a justiça social, a não-violência e o diálogo inter-religioso, neste momento Thomas Merton passou a ver sua vocação não apenas como uma busca pessoal pela união com Deus, mas como um chamado para transformar o mundo através do testemunho da paz e da compaixão.

Neste período, Merton foi particularmente influenciado por figuras como Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr., cujas filosofias de não-violência e resistência pacífica ressoaram profundamente com suas próprias convicções[22]. Ele começou a ver a não-violência como o único caminho viável para a paz mundial e como uma expressão da verdadeira espiritualidade cristã, ele expressa isso em suas cartas e escritos, convidando veementemente que outros cristãos se unam na luta pela justiça social e pelo fim da violência, seja nas ruas dos Estados Unidos ou nos campos de batalha do Vietnã.

Um grande marco deste processo de reconhecimento de Merton e de seu caminho de opção pela justiça social, vai nos dizer Mario Zaninelli em uma bigráfia de Thomas Merton intitulada *Thomas Merton, Il sapore dela libertá* (2014), foi o convite do papa João XXIII para que Merton fosse consultor para a escrita da encíclica papal chamada *Pacem in Terris (1963)*, Merton acreditava que a encíclica papal representava um chamado claro para que todos os cristãos católicos se tornassem pacificadores e trabalhassem ativamente para transformar o mundo através da não-violência e da reconciliação.

Outro aspecto importante dessa fase foi o interesse de Merton por outras tradições religiosas, particularmente pelo Zen Budismo e pelo Sufismo islâmico.[23] Ele começou a ver as intersecções entre a espiritualidade contemplativa cristã e as

---

[22] Sobre Gandhi e Dr. King, podemos ver o quanto Merthon admirava o papel destes autores de transformação social, Merton dedicou uma produção literária *"Gandhi e a não Violência"* para falar sobre a temática na perspectiva de Gandhi e sobre a luta racial, Merton escreve uma carta chamada *"Letters to a White Liberal"* como resposta a carta *"Letter from Birmingham Jail"* escrita por Martin Luther King Jr. após a sua prisão.

[23] Neste ponto vale a pena destacar um trabalho feito pela editora Fons Vitae, tendo como organizadores importantes especialistas em Thomas Merton. Disponível em: https://fonsvitae.com/product-category/thomas-merton-series/ . Acesso em: 01 de outubro de 2024.

práticas místicas de outras religiões, e buscou um diálogo inter-religioso baseado na experiência comum da contemplação. Para Merton, o diálogo inter-religioso não era uma mera curiosidade intelectual, mas uma parte essencial de seu compromisso com a paz. Ele acreditava que, para alcançar a paz verdadeira, era necessário que as religiões se unissem em torno de um entendimento comum, baseados na dignidade humana e da compaixão.

A evolução do pensamento de Merton culmina em uma síntese madura entre contemplação e ação. Em suas obras finais, ele argumenta que a verdadeira espiritualidade não pode ser dissociada da responsabilidade moral no mundo, a contemplação deve levar à compaixão ativa, e a busca pela união com Deus deve ser acompanhada pelo compromisso com a paz, a justiça e a dignidade humana.

Merton acreditava que a não-violência era o único caminho viável para alcançar a paz verdadeira. Ele via a violência como uma falha espiritual fundamental, uma negação da dignidade humana e da interconexão de todas as coisas. Para Merton, a paz interior e a paz no mundo eram inseparáveis. Ele acreditava que, ao alcançar a paz interior através da contemplação, os cristãos eram chamados a transformar o mundo exterior, trabalhando em uma mudança interna e externa, não uma maior que a outra, mas um fruto da outra.

## Conclusão

A evolução no pensamento de Thomas Merton reflete uma transformação espiritual profunda, na qual a contemplação e a ação social se tornaram integradas em um único caminho de espiritualidade, segundo ele. Um amadurecimento de uma visão inicial de afastamento do mundo para uma compreensão mais complexa e madura da espiritualidade, na qual a contemplação conduz inevitavelmente ao compromisso social. Merton nos lembra que a verdadeira mística não pode ser isolada das realidades do sofrimento humano e das injustiças sociais, e que o monge ou qualquer pessoa, mesmo em sua solidão no mundo, tem a responsabilidade de se engajar com um espírito de compaixão e não-violência.

# CAPITULO II

## 2 - O CAMINHO DE THOMAS MERTON

Este capítulo buscaremos explorar três aspectos fundamentais para compreender o percurso de Thomas Merton no carisma Cisterciense, a relação entre vida ativa e vida contemplativa, e os desdobramentos do conceito de mística na contemporaneidade. Cada um desses elementos contribui para a compreensão do itinerário espiritual e intelectual de Merton, bem como para a construção de um diálogo mais amplo sobre espiritualidade e mística no contexto atual.

A tradição cisterciense, à qual Merton pertenceu como monge trapista, será analisada a partir de sua Regra e Carisma. Essa tradição, marcada por uma busca radical pela simplicidade e interioridade, orienta-se pela centralidade da contemplação e pela vivência comunitária. A espiritualidade cisterciense não apenas moldou a experiência de Merton, mas também influenciou profundamente sua visão sobre a relação entre fé e mundo, essencial para sua abordagem da Mística Intramundana.

Como proposta para o entendimento da Mística Intramundana em Merton, abordaremos um fator de extrema importância para entender o que é a mística, especialmente a mística em Thomas Merton, neste processo buscaremos delinear a distinção entre vida ativa e vida contemplativa, uma questão clássica no pensamento ocidental, mas reinterpretada por Merton em seus escritos. Para esse diálogo, recorremos ao conceito de Hannah Arendt em *A Condição Humana*, onde a autora reflete sobre as esferas do labor, trabalho e ação, propondo uma nova leitura sobre o papel da contemplação em um mundo voltado para a atividade prática.

Por fim, discutiremos o conceito de mística na contemporaneidade, com base nos escritos da professora Maria Clara Bingemer e neste caminho processual proposto nos dois pontos iniciais. As reflexões de Bingemer ampliam a compreensão da mística como experiência que transcende o âmbito individual, envolvendo dimensões sociais, históricas e culturais. Esses elementos se articulam para situar a contribuição singular de Merton à mística contemporânea, evidenciando seu caráter dinâmico e profundamente enraizado na vida.

## 2.1 – O Carisma Cisterciense: História, Práticas e Atualidade

> *"Nossa ordem consiste no exercício do silêncio, na prática do jejum, na vigília, na oração, no trabalho manual e, sobretudo, em seguir o melhor caminho que é aquele da caridade." São Bernardo de Claraval*

A Ordem Cisterciense da Estrita Observância, comumente conhecida como Ordem Trapista, representa uma das expressões mais rigorosas da vida cenobítica[24] na Igreja Católica. O carisma dos monges trapistas é marcado por uma busca intensa de Deus através de uma vida de oração, trabalho e simplicidade. Suas raízes remontam à reforma cisterciense do século XI, que buscava um retorno à observância estrita da Regra de São Bento. Ao longo dos séculos, esse carisma foi sendo aprofundado e renovado, culminando na reforma trapista do século XVII.

A história dos trapistas tem início em 1098, quando Roberto de Molesme, juntamente com um grupo de monges, fundou o "Novo Mosteiro" em Cîteaux, na Borgonha francesa. Eles buscavam uma vida monástica mais austera e fiel à Regra de São Bento, como afirma o historiador Louis J. Lekai: "O objetivo dos fundadores de Cîteaux era simplesmente restaurar a observância integral da Regra de São Bento, que eles consideravam ter sido negligenciados nos mosteiros beneditinos tradicionais"(Lekai, 1977, p.3)

Essa reforma deu origem à Ordem Cisterciense, que teve um rápido crescimento no século XII, especialmente sob a liderança de São Bernardo de Claraval. Os cistercienses buscavam uma vida de maior simplicidade, trabalho manual e afastamento do mundo, no entanto, com o passar do tempo, também a Ordem Cisterciense foi se afastando de seus ideais originais. É nesse contexto que surge, no século XVII, a reforma trapista, liderada por Armand Jean le Bouthillier de Rancé, abade do mosteiro de La Trappe na Normandia. Rancé buscou restaurar a austeridade e o espírito original dos primeiros cistercienses.

Thomas Merton descreve assim o espírito da reforma de Rancé: "O que Rancé buscava era uma vida de total entrega a Deus, marcada pela penitência, silêncio, trabalho manual e oração contínua. Ele queria criar um 'deserto' onde os monges pudessem encontrar a Deus na solidão e no despojamento".(Merton, 1949, p.21)

---

[24] A vida cenobítica refere-se a uma forma de vida monástica caracterizada pela vivência em comunidade. O termo deriva do grego "koinos bios", que significa "vida em comum". Neste modelo, os monges ou monjas vivem juntos em um mosteiro ou convento, compartilhando não apenas o espaço físico, mas também as atividades diárias, as refeições, as orações e o trabalho.

A reforma de Rancé enfatizava especialmente o silêncio quase absoluto, a prática da penitência corporal, o trabalho manual intenso, a simplicidade extrema na alimentação e no vestuário e o afastamento radical do mundo exterior.

Essas práticas visavam criar um ambiente propício para a busca de Deus e a transformação interior do monge, como afirma a Constituição da Ordem Cisterciense da Estrita Observância:

> O modo de vida cisterciense é cenobítico. Os monges cistercienses procuram Deus e seguem Cristo sob uma regra e um abade, numa comunidade estável que é uma escola de amor fraterno. Uma vez que todos os irmãos têm um só coração e uma só mente, têm tudo em comum. Ao carregarem os fardos uns dos carregando os fardos uns dos outros, cumprem a lei de Cristo, participando nos seus sofrimentos na esperança de entrar no Reino dos Céus. (Constitutions and Statutes of the Cistercian Order of the Strict Observance, 2024)

O carisma trapista se caracteriza por alguns elementos fundamentais:

**Centralidade da oração litúrgica e contemplativa:**

A vida trapista é ritmada pela oração litúrgica comunitária (o Ofício Divino) e pela oração pessoal contemplativa. Como afirma a Regra de São Bento: "Nada se anteponha ao Ofício Divino" (Regra de São Bento, p. 43,3).[25]

Os trapistas dedicam várias horas por dia à oração litúrgica e à Lectio Divina (leitura orante da Bíblia). O silêncio e a solidão são vistos como meios privilegiados para cultivar a intimidade com Deus.

**Vida comunitária fraterna:**

Apesar da ênfase na solidão, os trapistas vivem em comunidade. A vida fraterna é vista como um meio de crescimento espiritual e um testemunho do amor de Deus. Como afirma o documento *A vida fraterna em comunidade*(1994)[26] no parágrafo 25:

> "Assim, a comunidade torna-se “Schola Amoris”, uma Escola de Amor, para jovens e adultos - uma escola em que todos aprendem a amar a Deus, a amar os irmãos e irmãs com quem vivem e a amar a humanidade, que tem grande

[25] A Regra de São, é considerada uma das mais antigas normas do cristianismo para a organização da vida monástica. Para saber mais sobre a regra acesse: https://www.asg.org.br/images/saoBento/RegraSB.pdf . Acesso em 27 de novembro de 2024.
[26] O documento está disponível no site do vaticano: https://www.vatican.va/content/dam/wss/roman_curia/congregations/ccscrlife/documents/rc_con_ccscrlife_doc_02021994_fraternal-life-in-community_en.html . Acesso: 28 de novembro de 2024.

> necessidade da misericórdia de Deus e da solidariedade fraterna". (Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, 1994)

**Trabalho manual:**

O trabalho manual ocupa um lugar importante na vida trapista, como meio de sustento e de ascese. Os monges se dedicam a diversos trabalhos, como agricultura, artesanato e pequenas atividades manufaturadas. Como diz a Regra: "A ociosidade é inimiga da alma. Por isso, em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual" (Regra de São Bento 48,1)

**Simplicidade e pobreza:**

Os trapistas buscam viver com extrema simplicidade, renunciando ao supérfluo e cultivando um espírito de pobreza evangélica. Isso se manifesta na alimentação frugal, no vestuário simples e na austeridade dos edifícios monásticos.

**Separação do mundo:**

Embora não seja um isolamento total, os trapistas buscam um certo afastamento do mundo para criar um ambiente propício à oração e à transformação interior. As visitas são limitadas e o contato com o exterior é reduzido, sendo que qualquer atividade do monge fora do mosteiro somente é possível com autorização estrita do superior do mosteiro.

**Hospitalidade:**

Apesar da separação, os mosteiros trapistas são também lugares de acolhida para aqueles que buscam um tempo de retiro e oração. A hospitalidade é vista como uma forma de partilhar o carisma com os leigos.

**Merton e a Trapa:**

Merton vivenciou e renovou o carisma ao seu modo, sobre isso Merton enfatizou especialmente a dimensão contemplativa da vida trapista, vendo-a não como uma fuga do mundo, mas como um mergulho no mistério de Deus que leva a uma maior compaixão pela humanidade. Em sua obra *A vida silenciosa* (1957), ele

escreve: "Um monge, portanto, é alguém chamado a dar-se exclusiva e perfeitamente ao único necessário a todos os homens – a busca de Deus".(Merton, 2024, p.7)

Merton em seus escritos não se chama de teólogo, nem se considera um especialista, o que de certa forma o permitiu organizar, ao seu modo, um fazer teológico, em um destes estudos, *The Cistercian Fathers and Their Monastic Theology (2016),* sobre o carisma Cisterciense, Merton enfatiza alguns pontos centrais que ele identifica do carisma trapista:

- **a primazia da experiência de Deus**: Merton insiste que o objetivo da vida monástica não é primariamente o estudo ou a atividade pastoral, mas a experiência direta de Deus na contemplação;
- **a integração entre contemplação e ação**: Contra uma visão dualista, Merton mostra como a verdadeira contemplação leva a um engajamento mais profundo com as questões do mundo;
- **a importância do "verdadeiro eu"**: Merton vê a vida monástica como um processo de descoberta do verdadeiro eu, para além das máscaras e ilusões do ego;
- **a dimensão profética da vida monástica**: O monge, por sua própria existência, é um questionamento dos valores da sociedade consumista e uma afirmação da primazia de Deus;
- **a universalidade da vocação contemplativa**: Merton insiste que a dimensão contemplativa não é exclusiva dos monges, mas é uma vocação de todos os cristãos.

A Regra da Ordem Cisterciense da Estrita Observância (trapistas) incorpora muitos desses elementos em sua formulação atual. É importante notar que o carisma trapista, embora tenha suas raízes na tradição monástica medieval, passou por um processo de renovação e atualização, especialmente após o Concílio Vaticano II. Esse processo buscou manter a essência do carisma enquanto o adaptava às necessidades e compreensões do mundo moderno.

Alguns aspectos dessa renovação incluem: uma maior abertura ao mundo, sem perder o essencial da separação monástica; um equilíbrio mais saudável entre ascese e cuidado integral da pessoa; uma compreensão mais profunda da dimensão eclesial e missionária da vida contemplativa; uma maior valorização da individualidade e dos

dons pessoais dentro da vida comunitária; uma abertura ao diálogo ecumênico e inter-religioso.

## Conclusão

O carisma dos monges trapistas se caracteriza por uma busca radical de Deus através de uma vida de oração, trabalho e simplicidade. Enraizado na tradição monástica beneditina e cisterciense, esse carisma foi renovado pela reforma de Rancé no século XVII e continua a se atualizar para responder aos desafios do mundo contemporâneo.

A contribuição teológica de Thomas Merton foi fundamental para articular esse carisma de uma forma que fala ao ser humano moderno, mostrando a relevância da vida contemplativa para um mundo marcado pela agitação e pela busca de sentido. O carisma trapista continua a atrair homens e mulheres que buscam uma vida totalmente dedicada a Deus, oferecendo um testemunho silencioso mas eloquente da primazia do espiritual em um mundo cada vez mais secularizado.

Como afirma a Constituição da Ordem: "Por nossa vida de oração e trabalho, de silêncio e hospitalidade, procuramos ser um sinal da presença de Deus no mundo e uma antecipação do Reino futuro".(Constitutions and Statutes of the Cistercian Order of the Strict Observance, 1990)

Esse ideal continua a inspirar e desafiar não apenas os monges trapistas, mas todos aqueles que buscam uma vida espiritual mais profunda e autêntica.

## 2.2 Contemplação e Vida Ativa: Uma conceito

*"A liberdade interior é essencial para a liberdade exterior. Ninguém pode ser livre exteriormente se é escravo interiormente" Thomas Merton*

A discussão sobre a relação entre vida ativa e vida contemplativa tem uma longa história na tradição teológica e filosófica ocidental. No primeiro capítulo de *A Condição Humana (1958)*, Hannah Arendt oferece uma análise profunda e inovadora desses conceitos, que pode servir como base para compreender a Mística Intramundana de Thomas Merton.

Arendt inicia sua análise observando que a expressão "vida ativa" é "perpassada e sobrecarregada de tradição" (Arendt, 2010, p. 11). Ela argumenta que esta tradição, longe de abranger todas as experiências políticas da humanidade ocidental, é produto de uma constelação histórica específica, notadamente o julgamento de Sócrates e o conflito entre o filósofo e a polis.

A autora identifica três atividades humanas fundamentais que compõem a vida ativa: o labor, o trabalho e a ação. O labor corresponde ao processo biológico do corpo humano, o trabalho produz um mundo artificial de coisas, e a ação é a única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria. Arendt enfatiza que estas atividades são fundamentais porque "a cada uma delas corresponde uma das condições básicas sob as quais a vida foi dada ao homem na Terra" (Arendt, 2010, p. 7).

O labor está ligado à própria vida, o trabalho à mundanidade, e a ação à pluralidade - "ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo" (Arendt, 2010, p. 7). Esta pluralidade é a condição *sine qua non* de toda vida política, e Arendt argumenta que "a pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir" (Arendt, 2010, p. 7).

A ação, para Arendt, está intimamente ligada à natalidade, outro conceito fundamental em seu pensamento. A natalidade não se refere apenas ao nascimento biológico, mas à capacidade humana de iniciar algo novo, de agir. Ela afirma que "o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir" (Arendt, 2010, p. 9).

Arendt argumenta que a tradição filosófica, ao privilegiar a contemplação, obscureceu as distinções e articulações dentro da própria vida ativa. Ela observa que na sociedade moderna, o trabalho ascendeu à posição mais elevada entre as atividades humanas, uma inversão radical em relação à antiguidade, onde o trabalho era desprezado e preferencialmente deixado aos escravos.

Esta glorificação do trabalho, segundo Arendt, levou a uma "sociedade de empregados" (Arendt, 2010, p. 24), onde todas as ocupações são vistas como meios de ganhar a vida. Ela escreve:

> O que quer que façamos, devemos fazê-lo a fim de 'ganhar o nosso sustento'; é este o veredito da sociedade, e o número de pessoas, especialmente nas profissões liberais, que poderiam desafiar esta crença está diminuindo rapidamente. (Arendt, 2010, p. 93).

Esta situação, segundo Arendt, leva a uma perda do mundo comum e da esfera pública. A esfera pública, para Arendt, não é simplesmente o espaço físico onde as pessoas se reúnem, mas o espaço de aparência onde os indivíduos podem revelar quem são através de suas palavras e ações. É neste espaço que a liberdade pode se manifestar e que a política genuína pode ocorrer.

A perda deste espaço público e a ascensão do social - uma esfera híbrida entre o público e o privado - são, para Arendt, características definidoras da modernidade. Ela argumenta que:

> A ascensão da administração caseira, de suas atividades, seus problemas e recursos organizacionais - do sombrio interior do lar para a luz da esfera pública - não apenas turvou a antiga fronteira entre o privado e o político, mas também alterou quase além do reconhecimento o significado dos dois termos e sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão. (Arendt, 2010, p. 28).

Neste contexto, Arendt vê na ação coletiva e pública a chance de a humanidade superar sua alienação do mundo. Em vez de se refugiar em hobbies privados ou no consumo, o ser humano deve se tornar politicamente ativo e sempre fazer um novo começo. Esta ênfase na ação política como forma de resistência à alienação e à perda do mundo comum é uma das contribuições mais significativas de Arendt para o pensamento político contemporâneo.

É importante notar que, embora Arendt critique a elevação moderna do trabalho e do labor, ela não propõe um retorno à hierarquia antiga que privilegiava a

contemplação. Em vez disso, ela busca uma revalorização da ação política e da esfera pública como espaços de liberdade e pluralidade humana.

A relação entre vida ativa e vida contemplativa em Arendt é, portanto, mais complexa do que uma simples oposição. Embora ela se concentre principalmente na vida ativa em *A Condição Humana (1958)*, Arendt não descarta a importância do pensamento e da contemplação. Em obras posteriores, como *A Vida do Espírito* (1978), ela explora mais profundamente as atividades mentais de pensar, querer e julgar.

No entanto, Arendt também adverte contra os perigos de uma vida puramente contemplativa, desconectada da realidade e da ação. Ela critica a tradição filosófica que, desde Platão, tendeu a desvalorizar o mundo das aparências em favor de um reino transcendente de ideias. Para Arendt, esta fuga do mundo para a contemplação pode levar a uma perigosa indiferença às questões políticas e à responsabilidade cívica.

A solução de Arendt não é, portanto, escolher entre vida ativa e vida contemplativa, mas encontrar um equilíbrio entre elas. Ela busca uma forma de pensamento que esteja enraizada na experiência e que possa informar e enriquecer a ação política, sem substituí-la ou negá-la.

É importante ressaltar que, para Arendt, nem a vida ativa nem a vida contemplativa são suficientes por si só para uma vida humana plena. A vida ativa sem reflexão pode levar ao ativismo cego e potencialmente destrutivo, enquanto a vida contemplativa sem conexão com o mundo pode resultar em uma alienação perigosa da realidade política e social.

O ideal arendtiano parece ser uma vida que integre elementos de ambas: uma vida de ação informada pela reflexão e um pensamento enraizado na experiência concreta do mundo. Esta integração não é fácil de alcançar, mas Arendt a vê como crucial para enfrentar os desafios da modernidade.

A abordagem de Arendt sobre vida ativa e vida contemplativa oferece uma perspectiva única e valiosa para compreender a condição humana e o papel do indivíduo na sociedade. Ao resgatar a dignidade da vida ativa, especialmente da ação política, Arendt nos convida a repensar nossas prioridades e a nos engajar mais ativamente no mundo comum. Ao mesmo tempo, sua valorização do pensamento e do julgamento nos lembra da importância da reflexão crítica e da capacidade de ver as coisas de diferentes perspectivas.

Em um mundo cada vez mais complexo e fragmentado, a visão de Arendt sobre a integração entre ação e pensamento, entre vida ativa e vida contemplativa, oferece um caminho promissor para enfrentar os desafios de nosso tempo.

A relevância do pensamento de Arendt para os desafios espirituais e políticos do século XXI é notável. Em um mundo marcado por ruídos incessantes, consumismo desenfreado e distrações digitais, seu chamado à ação política significativa e à reflexão crítica ressoa com uma relevância surpreendente. Ela nos convida a refletir sobre a necessidade de nos reconectarmos com a essência da política como espaço de liberdade e pluralidade, resistindo às tendências de atomização e alienação da sociedade de massas.

Ao mesmo tempo, a insistência de Arendt na dimensão social e política da vida ativa oferece um contraponto importante ao individualismo e à alienação que muitas vezes caracterizam a espiritualidade contemporânea. Sua visão de uma vida que integre ação e contemplação, engajamento político e reflexão crítica, é um pressuposto interessante para a análise da Mística Intramundana de Thomas Merton.

De fato, é possível estabelecer um diálogo frutífero entre o pensamento de Arendt e as reflexões de Merton sobre contemplação e ação. Segundo Merton, em sua obra *Contemplação num Mundo de Ação* (1965), a vida contemplativa não deve ser uma fuga da realidade, mas uma imersão mais profunda nela, o contemplativo não é alguém que se retira do mundo, mas alguém que o vê com mais clareza e profundidade. Esta visão de Merton sugere uma integração entre contemplação e ação que pode ser vista como uma resposta à dicotomia tradicional entre vida ativa e vida contemplativa.

Para Merton, a contemplação autêntica não aliena o ser humano da realidade, mas o torna mais sensível e compassivo diante dos sofrimentos do mundo. Em *Novas Sementes de Contemplação* (1962), ele afirma:

> A contemplação é a mais alta expressão de vida intelectual e espiritual do homem. É a própria vida do intelecto e do espírito, plenamente despertada, plenamente ativa, plenamente consciente de que está viva. (Merton, 2017, p. 15)

Esta definição de contemplação como uma forma de atividade intelectual e espiritual pode ser vista como uma ponte entre a vida ativa e a vida contemplativa, sugerindo que a contemplação não é necessariamente uma fuga da ação, mas uma forma diferente de engajamento com o mundo.

Merton, assim como Arendt, critica certos aspectos da modernidade, particularmente o que ele vê como uma obsessão com a produtividade e a eficiência que pode levar a uma perda de profundidade espiritual. Segundo Merton (2019), em sua obra *Contemplação num Mundo de Ação* (1965), o contemplativo não é alguém que se retira do mundo para viver em paz consigo mesmo, mas alguém que se entrega totalmente ao mundo para transformá-lo a partir de dentro. Esta visão de Merton sobre a contemplação como uma forma de engajamento transformador com o mundo pode ser vista como complementar à ênfase de Arendt na ação política como forma de resistência à alienação e à perda do mundo comum.

Tanto Arendt quanto Merton criticam aspectos da modernidade que ameaçam a liberdade e a criatividade humanas. Arendt argumenta que a modernidade trouxe consigo uma "vitória do animal laborans" - uma situação em que o labor, a atividade ligada à manutenção da vida biológica, tornou-se a preocupação central da sociedade. Ela vê isso como uma ameaça à capacidade humana de agir politicamente e criar um mundo comum.

Merton, em seus escritos, também expressa preocupação com o que ele vê como uma obsessão moderna com a produtividade e a eficiência, fazendo de nossa época uma época de ansiedade porque tentou sistematicamente eliminar o risco e a surpresa da vida humana e está crítica de Merton pode ser vista como paralela à preocupação de Arendt com a perda da capacidade de ação e iniciativa na sociedade moderna.

A integração entre contemplação e ação que ambos propõem, oferece um caminho para resistir a essas tendências alienantes. Enquanto Arendt enfatiza a importância do espaço público como o lugar onde a ação política pode ocorrer, Merton enfatiza a importância do espaço interior da contemplação. No entanto, ambos veem esses espaços como cruciais para a realização da liberdade humana.

Segundo Merton (1970) a liberdade interior é tida como essencial para a liberdade exterior, ou seja ninguém pode ser livre exteriormente se é escravo interiormente. Esta ênfase de Merton na liberdade interior pode ser vista como complementar à ênfase de Arendt na liberdade política. Ambos os pensadores estão preocupados com as condições que permitem aos seres humanos exercer sua liberdade e criar novidade no mundo.

A visão integradora de Merton e Arendt nos convida a repensar a relação entre vida ativa e vida contemplativa de uma maneira que reconheça a importância de

ambas para uma vida significativa. Em um mundo cada vez mais caracterizado pela velocidade, eficiência e produtividade, suas reflexões sobre a integração entre ação e contemplação continuam sendo profundamente relevantes. Elas nos convidam a buscar um equilíbrio entre engajamento com o mundo e cultivo da vida interior, entre ação política e reflexão crítica, como forma de preservar nossa liberdade e nossa capacidade de criar algo novo em um mundo em rápida transformação.

## Conclusão

A análise de Arendt sobre a vida ativa e a vida contemplativa, bem como as reflexões de Merton sobre a integração entre contemplação e ação, oferecem uma base sólida para compreender a Mística Intramundana. Esta perspectiva reconhece a importância tanto do engajamento ativo no mundo quanto da reflexão contemplativa, vendo-os não como opostos, mas como aspectos complementares de uma vida humana plena. Ao fazer isso, ela abre caminho para uma espiritualidade que é ao mesmo tempo profundamente enraizada na realidade concreta do mundo e capaz de transcendê-la, oferecendo assim um modelo valioso para enfrentar os desafios espirituais e políticos de nosso tempo.

## 2.3 – **A mística: uma construção a partir da contemporaneidade**

*"A mística não é algo do outro mundo ou de fuga da realidade, mas imersão radical da medula das coisas" Faustino Teixeira*

A mística, como fenômeno espiritual presente em diversas tradições religiosas, tem passado por significativas transformações ao longo da história. Para compreender a evolução do conceito de mística e sua relevância contemporânea, é necessário examinar suas origens, desenvolvimento e as diferentes abordagens propostas por pensadores clássicos e contemporâneos.

As raízes da mística remontam às religiões antigas e às experiências de contato com o divino. No contexto grego, os termos *mystérion* (ritual secreto), *mystiké* (relativo ao ritual secreto) e *mystés* (iniciado) estavam ligados aos cultos de mistério, especialmente os de Orfeu, Dionísio e Elêusis. A raiz destes termos está conectada ao verbo *mýein*, que significa silenciar-se, indicando o caráter secreto e inefável da experiência mística.

Platão, em sua obra, contribuiu significativamente para o desenvolvimento do conceito de mística, especialmente através de três aspectos: a transcendência do divino, o erotismo espiritual e a vida ascética. A noção platônica de uma realidade transcendente, além do mundo sensível, influenciou profundamente a tradição da teologia apofática[27] ou negativa, que se tornaria central na mística cristã posterior.

No contexto judaico-cristão, as experiências místicas de figuras como Abraão, Jacó e Moisés forneceram as bases para o desenvolvimento da mística nas tradições monoteístas. O movimento apocalíptico no judaísmo, nos séculos anteriores a Cristo, enfatizou temas como a viagem celeste do vidente, que se tornaram importantes na mística judaica e cristã posterior.

Com o advento do cristianismo, a mística ganhou novos contornos. Os Padres da Igreja, como Orígenes, desenvolveram uma compreensão da mística que integrava elementos da filosofia grega com a tradição bíblica. Na Idade Média, figuras como Pseudo-Dionísio Areopagita, Bernardo de Claraval e Mestre Eckhart foram essenciais para a construção orgânica da compreensão da mística cristã. Pseudo-Dionísio, em

[27] Conforme Dionísio, o apofatismo é a via mais idônea para alcançar a união da alma com Deus, essa via também chamada de via negativa, consiste em privar o nome divino de todos os atributos afirmativos, isto é, de toda a linguagem simbólica e nominal. Conforme essa doutrina, Deus na sua transcendência e permanência não tem nome. Mas Ele é a causa produtora de todos os seres e pode ser celebrado com todos os nomes.

particular, desenvolveu a teologia apofática, enfatizando a transcendência radical de Deus e a necessidade de uma linguagem negativa para se compreender o divino.

No período moderno, místicos como Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, reformadores do Ordem dos Carmelitas, ofereceram descrições detalhadas da experiência mística, enfatizando tanto seus aspectos contemplativos quanto suas implicações práticas para a vida espiritual. Estes autores desenvolveram uma "mística nupcial"[28], descrevendo a união com Deus em termos de um relacionamento íntimo e amoroso.

A partir do século XX, o estudo da mística ganhou novos contornos com as contribuições da psicologia, da fenomenologia e da sociologia. William James, em sua obra *As Variedades da Experiência Religiosa (1902)*, foi um dos primeiros a abordar a mística de uma perspectiva psicológica e fenomenológica, identificando quatro características principais da experiência mística: inefabilidade, qualidade noética, transitoriedade e passividade[29].

Rudolf Otto, em *O Sagrado (1917)*, introduziu a noção do "numinoso" como uma experiência do sagrado que transcende a racionalidade, contribuindo para uma compreensão mais fenomenológica da experiência mística. Estas abordagens abriram caminho para um diálogo mais amplo entre a mística e outras áreas do conhecimento.

No contexto da sociologia, autores como Émile Durkheim e Maurice Halbwachs abordaram a mística em relação aos conceitos de sagrado e profano, e à memória coletiva religiosa. Roger Bastide, em particular, desenvolveu uma teoria sociológica sobre a mística, analisando suas características e origens sociais.

Na filosofia contemporânea, pensadores como Ernst Tugendhat têm buscado compreender a mística em relação à estrutura da linguagem e da consciência humana. Tugendhat, em sua obra *Egocentricidade e Mística (2013)*, propõe uma abordagem antropológica que vê a mística como uma forma de distanciamento do eu egocêntrico, relacionando-a com a estrutura proposicional da linguagem humana.

No contexto latino-americano e brasileiro, Maria Clara Bingemer tem oferecido importantes contribuições para a compreensão da mística na contemporaneidade. Bingemer explora as formas como a experiência mística se manifesta no mundo

---

[28] Para aprofundar sobre o tema da “Mística Nupcial” acesse: https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao460.pdf . Acesso em 27 de novembro de 2024

[29] Para aprofundar sobre o tema da “Mística e Psicanálise” é só consultar o site da Theologia Latino Americana. https://teologicalatinoamericana.com/?p=1549 . Acesso em: 27 de novembro de 2024.

secularizado, argumentando que, mesmo em um contexto de aparente declínio religioso, a busca pelo transcendente permanece viva, assumindo novas formas e expressões.

Bingemer enfatiza a relevância da mística para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, incluindo questões de justiça social, ecologia e diálogo inter-religioso. Ela argumenta que a experiência mística, longe de ser um escape da realidade, pode ser uma fonte de compromisso ético e transformação social. Um aspecto importante da abordagem de Bingemer é sua ênfase na "mística dos olhos abertos", um conceito desenvolvido por Johann Baptist Metz. Esta noção sugere uma mística que não se retira do mundo, mas que se engaja profundamente com as realidades sociais e políticas, mantendo uma sensibilidade aguçada para o sofrimento humano e a injustiça.

Bingemer também destaca a importância de recuperar a dimensão mística da fé cristã como um antídoto ao fundamentalismo e ao secularismo extremo. Ela argumenta que a mística oferece um caminho para uma fé mais profunda e autêntica, que pode dialogar de forma significativa com as questões contemporâneas sem perder sua essência espiritual.

Neste contexto de evolução do pensamento sobre a mística, é crucial mencionar a contribuição do nosso referencial teórico Sibélius Cefas Pereira e seu conceito de "Mística Intramundana", desenvolvido em seu estudo sobre Thomas Merton. Este conceito oferece uma perspectiva inovadora para compreender a mística no contexto contemporâneo, especialmente em sua relação com o mundo e a sociedade.

A Mística Intramundana, conforme proposta por Pereira, representa uma síntese entre a experiência contemplativa tradicional e um engajamento ativo com o mundo. Este conceito desafia a noção convencional de que a mística necessariamente implica um afastamento ou negação do mundo material e social. Ao contrário, a Mística Intramundana propõe uma integração entre a vida espiritual profunda e uma participação ativa nas questões e desafios do mundo contemporâneo.

Pereira desenvolve este conceito a partir de uma análise cuidadosa da obra de Thomas Merton, reconhecendo nele um precursor desta abordagem. Merton, em sua vida e escritos, buscou constantemente equilibrar sua vocação contemplativa como monge trapista com um engajamento crítico e compassivo com as questões sociais e

políticas de seu tempo. Esta tensão criativa entre contemplação e ação forma a base do que Pereira identifica como Mística Intramundana.

O conceito de Mística Intramundana oferece uma perspectiva valiosa para compreender como a experiência mística pode ser relevante e transformadora no contexto da sociedade contemporânea. Ele sugere que a busca pela transcendência não precisa ser dissociada das preocupações e responsabilidades mundanas, mas pode, na verdade, informar e enriquecer nosso engajamento com o mundo.

Esta abordagem ressoa com as tendências mais amplas na espiritualidade contemporânea, que buscam integrar práticas contemplativas com um estilo de vida ativo e engajado. Movimentos como o "mindfulness" secular, a espiritualidade ecológica e várias formas de ativismo espiritual podem ser vistos como expressões desta tendência para uma mística mais integrada e orientada para o mundo. A Mística Intramundana também oferece um contraponto importante às críticas tradicionais da mística como uma forma de escapismo ou negação do mundo. Ao enfatizar a importância do engajamento social e da responsabilidade ética, este conceito demonstra como a experiência mística pode ser uma fonte de transformação pessoal e social.

No contexto da globalização e dos desafios planetários contemporâneos, a Mística Intramundana oferece um paradigma para uma espiritualidade que é ao mesmo tempo profundamente pessoal e globalmente consciente. Ela sugere que a experiência de transcendência pode nos tornar mais, não menos, sensíveis às necessidades e sofrimentos do mundo ao nosso redor.

Além disso, o conceito de Mística Intramundana dialoga com importantes desenvolvimentos na teologia contemporânea, particularmente com as teologias da libertação e as teologias contextuais no caso da teologia do povo na Argentina. Estas abordagens teológicas enfatizam a importância de interpretar a experiência religiosa em relação às realidades sociais e políticas concretas, um princípio que está no cerne da Mística Intramundana.

É importante notar que a Mística Intramundana não é uma negação das formas mais tradicionais de mística ou contemplação. Pelo contrário, ela busca expandir e enriquecer a compreensão da experiência mística, reconhecendo sua relevância e potencial transformador no contexto da vida contemporânea. A evolução do conceito de mística na contemporaneidade, culminando em abordagens como a Mística Intramundana, reflete mudanças mais amplas na compreensão da espiritualidade e

sua relação com o mundo secular. Observa-se uma tendência crescente de buscar uma espiritualidade que seja ao mesmo tempo profunda e engajada, transcendente e imanente, pessoal e social.

## Conclusão

O estudo da mística, desde suas origens antigas até suas manifestações contemporâneas, revela uma rica tradição de busca pelo transcendente e pelo significado último da existência. A evolução do conceito de mística, passando pela teologia negativa medieval, pela mística nupcial do período moderno, até chegar às abordagens contemporâneas como a Mística Intramundana, demonstra a contínua relevância deste aspecto da experiência humana.

A compreensão da mística, especialmente através do prisma da Mística Intramundana, é crucial para o estudo de figuras como Thomas Merton, Catherine Doherty, Dorathy Day, Ernesto Cardenal, Dom Helder Câmara, entre outros cujo pensamento e vida exemplificam a tensão criativa entre contemplação e ação. Merton, como monge trapista e escritor influente, buscou constantemente integrar sua vida contemplativa com um engajamento ativo nas questões sociais e políticas de seu tempo. Seu exemplo continua a inspirar e desafiar aqueles que buscam uma espiritualidade autêntica e relevante no mundo contemporâneo.

Assim, o estudo da mística, longe de ser um exercício puramente acadêmico ou histórico, oferece insights valiosos para enfrentar os desafios do mundo atual. A Mística Intramundana, em particular, apresenta um modelo de espiritualidade que pode responder às complexidades da vida moderna, oferecendo um caminho para a transformação pessoal e social baseado na profunda experiência do transcendente.

# CAPITULO III

## 3. A MÍSTICA INTRAMUNDANA EM THOMAS MERTON

Nesta última seção de nossa investigação, abordaremos especificamente a Mística Intramundana em Thomas Merton, com ênfase particular em sua obra de 1962, *Novas Sementes de Contemplação*. É crucial compreender que este texto difere significativamente de seus escritos anteriores, assim como o próprio autor evoluiu em sua perspectiva. O Merton que emerge neste período é o Místico e Profeta Social, apresentando uma visão mais madura da vida e da condição humana, que interpreta o mistério da encarnação como a expressão mais elevada da contemplação: o transcendente que se manifesta no tempo e na história.

Está nova perspectiva de Thomas Merton só pode ser adequadamente compreendida à luz da experiência iluminadora que vivenciou em 1958. Em um momento de profundo questionamento existencial, Merton teve uma experiência epifânica na intersecção da Fourth e Walnut Streets em Louisville, Kentucky. Este episódio, frequentemente referido como a "Epifania de Thomas Merton"[30], constituiu uma ruptura em sua percepção espaço-temporal, caracterizada como uma experiência mística inefável. Desta vivência emergiu o conceito que Merton denominou "Le Point Vierge" (O Ponto Virgem), representando uma centelha divina presente em cada ser humano, um “locus” onde o indivíduo pode estabelecer contato com o divino e realizar plenamente seu verdadeiro "eu".

Por fim, apresentamos um Merton como profeta e ativista da paz, que através do engajamento com agentes de transformação social, desenvolve uma nova compreensão de si mesmo e da vida contemplativa. Bertelli em sua obra *Mística e Compaixão* vai nos dizer sobre esta ação comprometida de Merton, que rendeu uma troca de cartas com Dom Helder Câmara:

> Impressionado com a obra Faith and Violence, Dom Helder Câmara escreve a Merton, agradecendo a atualidade desta mensagem, que ele vivia muito bem no nordeste e no país então sob a ditadura militar. Agradece também porque ele apresenta ao ocidente e defende a figura maravilhosa de Thich Nhat Hanh Começa então uma correpondência entre o Eremita de Gethsemani e nosso pastor Dom Helder. (Bertelli, 2010, p.47)

[30] Para aprofundar mais sobre este momento consultar o site: https://merton.org.br/a-epifania-de-thomas-merton.html . Acesso: 27 de novembro de 2024

Neste estágio, Merton já não se identifica primariamente como um cenobita, mas como um eremita, um solitário. No entanto, seu "trabalho de cela" se transmuta em uma "clausura no centro do mundo", conforme a caracterização de Bingemer: “Esse amor pela humanidade, aliado a uma sede pela contemplação de Deus no claustro, fez com que Merton fosse uma figura das mais notáveis quando se pensa no futuro da fé e da religião no mundo de hoje.” (Bingemer, 2018, p.9).

Observamos um Merton imbuído de paixão pela vida, manifestada tanto em seu compromisso com as lutas sociais quanto em sua compreensão de que o amor humano é também uma expressão do amor divino, enfatizando a importância da relação e do engajamento profundo com a vida e a história do outro.

## 3.1 - A Mística Contemporânea de Thomas Merton em sua obra Novas Sementes de Contemplação.

> *“O que temos a ganhar viajando para a lua se não conseguimos atravessar o abismo que nos separa dos outros? Essa é a mais importante viagem de descoberta; sem ela, todas as outras são não apenas inúteis, mas desastrosas.” Thomas Merton*

A obra *Novas Sementes de Contemplação (1962)* representa um marco importante na evolução do pensamento contemplativo de Merton. Nela, o autor desenvolve uma compreensão da contemplação que transcende as noções tradicionais de ascetismo e fuga do mundo, apresentando inúmeras dimensões essenciais, caracterizando o que Pereira (2014) vai chamar de “Mística Intramundana”.

Merton em seu livro define a contemplação como "a mais alta expressão da vida intelectual e espiritual do homem" (Merton, 2017, p.15) e " É um assombro espiritual. Uma reverência espontânea ao caráter sagrado da vida, do ser " (Merton, 2017, p.15). Esta definição já indica uma abordagem que integra a experiência contemplativa com uma profunda apreciação da realidade criada.

Um dos aspectos centrais da Mística Contemporânea de Merton é a integração entre contemplação e ação. Merton supera a dicotomia tradicional entre vida contemplativa e vida ativa, compreendendo que a contemplação leva a uma maior consciência e responsabilidade no mundo:

> Se procurar a fuga pela fuga e escapar do mundo só porque é (como tem de ser) extremamente desagradável, você não encontrará paz nem solidão. Se procurar a solidão apenas porque a prefere, nunca escapará do mundo e de seu egoísmo, nunca terá liberdade interior que o mantenha realmente em solidão. (Merton, 2017, p.86)

Esta integração entre contemplação e ação é fundamental para compreender a evolução da Mística Mertoniana e sua relevância para o mundo contemporâneo. Como observa Shannon (1981), Merton compreendeu que a contemplação, longe de ser uma fuga do mundo, era na verdade um modo de estar mais plenamente presente no mundo.

Outro aspecto importante da Mística de Merton é a universalidade da experiência contemplativa, Merton enfatiza que a contemplação não é um privilégio reservado a monges, mas uma possibilidade aberta a todos, segundo Merton (1971)

a contemplação é, na realidade, a resposta simples e direta a um chamado de Deus, ela é um dom oferecido a todos os batizados, para todos e todas que desejam viver no seu dia a dia a vida contemplativa.

Esta democratização da experiência mística é um aspecto central da abordagem contemporânea de Merton, segundo Cunningha (1999) em seu livro *Thomas Merton and the Monastic Vision*, explica que Merton insistia que a contemplação não era uma técnica esotérica reservada para uma elite espiritual, mas uma dimensão da vida cristã disponível para todos.

Ao longo de sua obra, Merton demonstra o seu engajamento sobre questões e desafios da modernidade, ele reconhece tanto as oportunidades quanto os perigos da sociedade tecnológica e secular, buscando uma espiritualidade que possa responder de forma significativa a esse contexto, isso demonstra que a contemplação não é simplesmente uma experiência de momento, mas um caminho de transformação profunda, sobre isso ele vai dizer:

> A contemplação é o dom da súbita tomada de consciência, do despertar para o Real dentro de tudo o que é real. Uma vívida consciência do Ser infinito que está na raiz do nosso próprio ser limitado. Uma consciência de nossa realidade contingente como algo recebido, presente de Deus, dom gratuito de amor. Este é o contato existencial de que falamos ao usar a metáfora “ser tocado por Deus” (Merton, 2017, p. 16)

Como observa Anne E. Carr em *A Search for Wisdom and Spirit*, para Merton, a transformação do coração passa pelo “apelo por experimentar a presença de Deus no silêncio e na solidão, o apelo de uma vida de contemplação que é uma experiência de transformação em Cristo”. (Carr, 1988, p.98).

A Mística Intramundana, conceito desenvolvido por Sibélius Cefas Pereira em sua análise da obra de Merton, encontra suas raízes nesta visão apresentada em *Novas Sementes de Contemplação(1962)*. A ideia de uma contemplação que não se afasta do mundo, mas que o abraça e o transforma, é central para a compreensão da Mística Intramundana. Pereira (2014) argumenta que a Mística Intramundana de Merton é caracterizada por uma profunda integração entre a experiência contemplativa e o engajamento com as realidades do mundo. Esta integração é evidente em *Novas Sementes de Contemplação*, onde Merton constantemente relaciona a experiência contemplativa com a responsabilidade ética e social.

Embora *Novas Sementes de Contemplação(1962)* seja uma obra fundamentalmente cristã, já se percebe nela a abertura de Merton para o diálogo com

outras tradições espirituais, especialmente as do Oriente. Esta abertura se tornaria ainda mais pronunciada em seus escritos posteriores. Segundo Bonnie(2017) Merton foi um dos primeiros escritores cristãos contemporâneos a se engajar seriamente com as tradições contemplativas orientais, mesmo antes da abertura da Igreja Católica ao diálogo inter-religioso, proposta que nasce no Concilio Vaticano II, Merton já estudava e escrevia sobre a meditação budista na década de 50 quando fazia um estudo comparado entre Zen Budismo e os Padres do Deserto[31].

Outro aspecto da Mística Contemporânea de Merton, é sua compreensão da relação entre o self[32] e Deus. Merton argumenta que a contemplação não é uma negação do self, mas uma descoberta do verdadeiro self em Deus. Ele escreve: "Portanto, toda a minha existência, paz e felicidade só dependem de um problema: descobrir a mim mesmo descobrindo a Deus. Se eu o encontrar, encontrarei a mim mesmo, e se encontrar meu verdadeiro eu, o encontrarei.." (Merton, 2017, p. 45).

Esta compreensão do self em relação a Deus é fundamental para a Mística Mertoniana como observa James Finley:

> Merton nos conduz ao longo da jornada para Deus, na qual o eu que começa a jornada não é o eu que chega. O eu que começa é o eu que pensávamos que éramos. É esse eu que morre ao longo do caminho até que, no final, "ninguém" é deixado. Esse "ninguém" é o nosso verdadeiro eu. É o eu que é anterior a tudo o que é isso ou aquilo. É o eu em Deus, o eu maior que a morte, mas nascido da morte. É o eu que o Pai ama para sempre (Finley, 1978, p.17).

Outro ponto crucial da mística contemporânea de Merton é sua ênfase na compaixão como fruto da contemplação. Em *Novas Sementes de Contemplação*, Merton argumenta que a verdadeira contemplação leva necessariamente a um amor compassivo pelos outros. Ele escreve:

> Dado que se trata da vontade de Deus para todo homem, e que a contemplação é um dom que não é concedido a quem não assente na vontade de Deus, a contemplação é impossível para quem não se esforça em cultivar a compaixão para com os demais. (Merton, 2019, p.78).

Esta conexão entre contemplação e compaixão é central para a Mística Mertoniana, segundo Christine M. Bochen (2000), para Merton, a contemplação e a

---

[31] Esta fase de Merton lhe rendeu dois estudos aprofundados: *A Via de Chuang Tzu (1965)* e *Zen e as Aves de Rapina (1968)*

[32] Atualmente temos um estudo feito por Nilson Perissé chamado *Thomas Merton e a teologia do verdadeiro eu,* neste estudo Perissé amplia o conceito da psicanalise Jungnana construída por Thomas Merton.

compaixão são inseparáveis, pois a experiência contemplativa nos abre para o amor de Deus, que por sua vez nos impele a amar os outros.

Merton também aborda a questão da linguagem e dos limites da expressão humana diante da experiência contemplativa, neste ponto ele reconhece que a contemplação ultrapassa as categorias da linguagem humana[33], mas ao mesmo tempo busca encontrar formas de comunicar essa experiência. Como observa Robert Inchausti “Merton estava constantemente lutando para encontrar uma linguagem adequada para expressar o inexprimível" (Inchausti, 1998, p. 67).

A obra também reflete a crescente preocupação de Merton com as questões sociais e políticas de seu tempo. Embora o foco principal seja a experiência contemplativa, Merton não hesita em abordar temas como a guerra, a injustiça social e a alienação na sociedade moderna, esta dimensão social da contemplação se tornaria cada vez mais proeminente nos escritos posteriores de Merton, como vai nos dizer William H. Shannon (2005) ao afirmar que podemos já ver os primeiros sinais do que se tornaria uma característica marcante do pensamento de Merton: a integração entre a vida contemplativa e o engajamento social.

## Conclusão

A obra *Novas Sementes de Contemplação* é marco importante na evolução da mística contemporânea a partir de Thomas Merton. Nesta obra, Merton apresenta uma visão da contemplação que é ao mesmo tempo profundamente enraizada na tradição cristã e aberta aos desafios e oportunidades do mundo moderno. Sua ênfase na integração entre contemplação e ação, na universalidade da experiência contemplativa, e na relação entre contemplação e compaixão, estabelece as bases para o desenvolvimento posterior de sua Mística Intramundana, como bem observa Pereira (2014), ao dizer que a obra *Novas Sementes de Contemplação* marca o início de uma nova fase no pensamento de Merton, uma fase caracterizada por uma crescente abertura ao mundo e um aprofundamento de sua compreensão da relação entre contemplação e ação social.

Esta obra se torna uma referência fundamental para a compreensão da Mística Contemporânea, não apenas no contexto do pensamento de Merton, mas também no

[33] A inefabilidade mística é uma categoria também estudada e aprofundada por Ernst Tugendhat em sua obra Egocentricidade e mística de 2013.

contexto mais amplo da espiritualidade cristã do século XX e além, transborda a sua relevância, oferecendo insights valiosos para aqueles que buscam integrar a vida contemplativa com um engajamento ativo e compassivo no mundo.

## 3.2 - A centralidade da Mística Intramundana em Thomas Merton: "Le Point Vierge".

> *"Tenho a imensa alegria de ser homem, um membro de uma raça na qual o próprio Deus se encarnou. Como se as tristezas e estupidezes da condição humana pudessem me dominar, agora que percebo o que todos nós somos. E se ao menos todos pudessem perceber isso!" Thomas Merton*

O conceito de "Le Point Vierge" (O Ponto Virgem) é fundamental para compreender a Mística Intramundana em Thomas Merton. Esta noção representa uma epifania crucial em sua vida, marcando uma virada significativa em sua compreensão da relação entre contemplação e engajamento com o mundo. Merton o descreve de maneira clara e poética em seu livro *Reflexões de um Espectador Culpado* (1966), :

> "No centro do nosso ser há um ponto de puro nada que não é tocado pelo pecado e pela ilusão, um ponto de pura verdade, um ponto ou centelha que pertence inteiramente a Deus, que nunca está à nossa disposição, do qual Deus dispõe de nossas vidas, que é inacessível às fantasias de nossa mente ou às brutalidades de nossa própria vontade. Este pequeno ponto de nada e de pobreza absoluta é a glória pura de Deus em nós. É como um diamante puro, brilhando com a luz invisível do céu. Está em todos, e se pudéssemos vê-lo, veríamos esses bilhões de pontos de luzes se unindo na face e no esplendor de um sol que faria toda a escuridão e crueldade da vida desvanecer completamente". (Merton, 1966, p.158)

Esta passagem revela vários aspectos fundamentais da Mística Intramundana de Merton: a universalidade da presença divina, a transcendência e imanência de Deus; a transformação da percepção de si mesmo e do mundo; a interconexão de todos os seres como "bilhões de pontos de luzes se unindo"(Merton, 1966, p.158).

A descoberta deste "ponto virgem" não é para Merton um fim em si mesmo, mas o ponto de partida para uma nova forma de engajamento com o mundo e é aqui que a noção de Mística Intramundana ganha força em seu pensamento.

Merton, em 18 de março de 1958, no cruzamento da Fourth Street com a Wanut, vive uma experiência conhecida como a sendo a sua Epifania, um lampejo divino que abre a sua consciência e o faz experimentar o que ele vai conceituar de Le Point Vierge":

> "Em Louisville, na esquina das ruas Fourth e Walnut, no centro da cidade, fui de repente dominado pela realização de que eu amava todas aquelas pessoas, que elas eram minhas e eu delas, que não podíamos ser estranhos uns aos outros mesmo que fôssemos totalmente desconhecidos. Foi como

> acordar de um sonho de separação, de falso auto-isolamento em um mundo especial, o mundo da renúncia e suposta santidade..."(Merton, 1966, p.156).

Esta experiência marca uma virada crucial no pensamento de Merton, percebe-se que a verdadeira contemplação não implica isolamento, mas uma conexão mais profunda com toda a humanidade. O "ponto virgem" torna-se, assim, não apenas um conceito teológico abstrato, mas uma realidade experiencial que transforma sua compreensão da vida espiritual e do engajamento com o mundo.

É importante notar que o conceito de "Le Point Vierge" tem raízes mais antigas na tradição mística, segundo alguns autores como Nass Cannon, Erlinda Paguio, Burton B Thurston, na tradição sufi, da mística islâmica, al-Hallaj (858-922) foi quem primeiro falou deste 'ponto luminoso' que habita o íntimo do ser humano. Trata-se de um ponto (nuqta) que é o centro do coração humano, acessível apenas a Deus, esta conexão com a tradição sufi demonstra não só abertura de Merton para outras tradições religiosas e seus fenômenos, mas também demonstra a sua capacidade de integrar insights de diferentes tradições espirituais em sua própria compreensão da mística.

A noção de "Le Point Vierge" tem várias implicações importantes para a Mística Intramundana de Merton, pois é um divisor de águas na compreensão e revisão de sua mística, em uma forma de tornar mais clara a compreensão deste fenomeno, destacamos 5 pontos essenciais:

- Universalidade da experiência espiritual: Merton acredita que este "ponto virgem" existe em todos os seres humanos, transcendendo barreiras religiosas e culturais. Isso fundamenta sua abertura ao diálogo inter-religioso e sua crença na possibilidade de uma experiência espiritual autêntica fora das estruturas religiosas tradicionais.
- Integração entre contemplação e ação: O "ponto virgem" não é uma fuga do mundo, mas uma base para um engajamento mais profundo e compassivo com a realidade.
- Transformação da percepção: A experiência do "ponto virgem" leva a uma mudança radical na forma como vemos o mundo e os outros. Merton argumenta que esta percepção transformada é essencial para abordar os problemas sociais e políticos de seu tempo.
- Crítica ao falso misticismo: Merton usa este conceito para criticar formas de espiritualidade que promovem o isolamento ou a indiferença ao sofrimento do

mundo. Ele insiste que a verdadeira experiência mística deve levar a um maior engajamento com as realidades mundanas, não a um afastamento delas.

- Fundamento para a compaixão: O reconhecimento deste "ponto virgem" em si mesmo e nos outros se torna a base para uma ação compassiva no mundo.

A Mística Intramundana em Merton, centrada no conceito de "Le Point Vierge", representa uma síntese única entre a tradição contemplativa cristã e um engajamento ativo com as questões sociais, esta síntese se torna evidente quando ao analisarmos a vida e a obra de Merton.

Merton usa sua compreensão do "ponto virgem" como base para uma crítica incisiva da sociedade contemporânea. Ele argumenta que a perda de contato com esta dimensão profunda do ser humano está na raiz de muitos problemas sociais, incluindo o consumismo, o militarismo e a injustiça racial.

A visão de Merton da interconexão fundamental de todos os seres humanos, baseada no "ponto virgem", informa sua defesa apaixonada da não-violência. Ele vê a violência como uma negação da verdade mais profunda de nossa humanidade compartilhada.

O conceito de "Le Point Vierge" permite a Merton reconhecer a validade de experiências espirituais em outras tradições religiosas. Isso o leva a um engajamento profundo com o budismo zen, o sufismo e outras tradições contemplativas.

A compreensão de Merton da presença divina no coração de toda a criação, simbolizada pelo "ponto virgem", fundamenta sua crescente preocupação com questões ecológicas nos últimos anos de sua vida.

Merton usa o conceito de "Le Point Vierge" para argumentar por uma renovação da vida monástica que seja mais engajada com o mundo, sem perder sua essência contemplativa, pois percebe-se dentro de uma realidade monástica que está alienada perante os acontecimentos de sua época.

Outro ponto de destaque é enxergar o Merton que vivencia uma experiencia do que hoje Leonardo Boff vai chamar de Ecoespiritualidade[34], segundo Nass Cannon(2011), a experiência de Merton com a natureza, a partir da sua compreensão do "ponto virgem", fez com que ele enxergasse a “Gloria de Deus” em todas as coisas,

[34] Para aprofundar sobre o tema recomendo a leitura do livro *Ética e Ecoespiritualidade(2011)* de Leonardo Boff.

um “pontinho cego e suave” onde a criação inocente pede licença para ser de novo, como o foi na primeira manhã que existiu.

Esta conexão entre o "ponto virgem" e a natureza reforça a dimensão Intramundana da mística de Merton, uma pessoa despertada de uma alienação e que pode enxergar-se como parte de um todo, mostrando como a experiência contemplativa pode nos abrir para uma percepção mais profunda e reverente do mundo natural.

O Reverendo Dean E. Wolfe, da Igreja Episcopal de St. Bartholomew’s em suas reflexões sobre "Le Point Vierge"[35], destaca a relevância deste conceito para a vida comunitária e a prática espiritual contemporânea:

> Para mim, e para muitos de nós, “le point vierge” está profundamente conectado à nossa participação em St. Bart's. Essa comunidade de fé encontra seu caminho para o centro de nossos desejos de alcançar Deus. Ela nos transforma mesmo quando buscamos ser agentes transformadores dentro dela. Em seus melhores dias, é, como Merton tão lindamente descreveu, 'um diamante puro, brilhando com a luz invisível do céu. (Wolfe, 2023)

Esta reflexão de Wolfe demonstra dois pontos importantes na compreensão concreta do Ponto Virgem, a sua dimensão comunitária de agregar pessoas ao redor da comunidade de fé, bem como a universalidade deste conceito em entender que sua aplicação não acontece em uma comunidade católica, mas episcopal, não monástica.

Maria Clara Bingemer, quando assessorava 19º Retiro da Associação Thomas Merton para os membros da Associação Thomas Merton do Brasil, expos a temática sobre o “ponto virgem” de Merton, enfatizando a dimensão apofática do "ponto virgem":

> Merton não consegue explicar como desejaria em que consiste esse ponto virgem. Pudera! Está falando do indizível e do inefável, aquilo com o qual todos os místicos se debatem e na maior parte das vezes se calam: apofáticos, sem falar nem dizer nada, porque nada seria compatível com o que se experimenta.(Bingemer, 2024)

Bingemer (2024) destaca que o "Ponto Virgem" não é apenas um conceito teológico racional, mas uma realidade experiencial que desafia a linguagem e a

[35] O Reverendo Dean E. Wolfe, um bispo da Igreja Episcopal, realiza semanalmente um estudo bíblico com sua comunidade, sempre norteado pelo conceito do “Ponto Virgem”. Para saber mais acesse: https://stbarts.org/notes-and-news/le-point-vierge/ . Acesso: 28 de novembro de 2024.

compreensão. Esta dimensão é ponto central da Mística Intramundana em Merton, compreendê-la como um fenômeno não dito, mas experimentado, faz desta Mística um vínculo com a experiencia ontológica do ser humano, naquilo que ele é em si, não de maneira egocêntrica, mas na sua plenitude do eu verdadeiro, na experiencia do ponto mais puro de Deus que está no interior do ser humano, onde o transforma para ser compaixão para o outro.

## Conclusão

O conceito de "Le Point Vierge" é central para a Mística Intramundana de Thomas Merton. Ele representa uma síntese única de contemplação e ação, oferecendo uma visão que integra profundamente a experiência espiritual com o engajamento no mundo. Esta visão tem implicações significativas para a teologia, a ética, a espiritualidade e o ativismo social, e continua a oferecer insights valiosos para os desafios espirituais e sociais de nosso tempo.

## 3.3 - Do interior para o exterior: A Mística Intramundana em Thomas Merton e a sua relação com a sociedade

> *“Nunca entenderei realmente qual é a relação desse amor com minha solidão. Não posso deixar de colocá-lo no centro de minha solidão, e não apenas em algum lugar periférico.” Thomas Merton*

A Mística Intramundana de Thomas Merton, fundamentada em sua experiência do "Le Point Vierge", não se limita a uma experiência interior isolada, mas se manifesta em um profundo engajamento com as questões sociais e políticas de seu tempo. Por isso se faz necessário a ênfase em Merton e em seu profetismo Místico, onde a experiência contemplativa o levou a um ativismo social significativo, multifacetado e profundo. Seu trabalho incansável em busca da paz e da não violência fez com que ele fosse conhecido como o monge ativista, causando-lhe inúmeros problemas e perseguições dentro e fora da Igreja Católica.

Nesta última parte de nosso estudo, focaremos em três aspectos de grande importância neste recorte das ações protagonizadas por Merton, falaremos do seu ativismo contra a segregação racial tão forte em sua época, bem como a sua relação próxima a inúmeros pensadores e ativistas da não-violência e por fim falaremos das importantes mulheres que contribuíram para que Merton pudesse entender e experimentar a beleza da integralidade humana, ele mesmo trará a lacuna deixada por sua mãe como ponto focal para que a importância desta relação com o feminino fosse um caminho de amadurecimento do seu verdadeiro “eu”.

A evolução de Merton de um monge unicamente contemplativo para um ativista social engajado é um testemunho poderoso da natureza intramundana de sua mística. Seu envolvimento com questões sociais não foi uma distração de sua vida contemplativa, mas uma expressão direta dela.

Um dos aspectos mais notáveis do ativismo social de Merton foi sua luta contra o racismo. Em seu ensaio *Letters to a White Liberal* que encontramos em seu livro *Sementes da destruição (1964)*, Merton aborda diretamente a questão do racismo nos Estados Unidos, desafiando a complacência dos brancos liberais e chamando-os a uma ação mais decisiva contra a injustiça racial. Ele escreve:

> Somente com a maior relutância alguns cristãos sulistas muito sinceros, sob coação, aceitaram a dolorosa necessidade de andar na mesma parte dos transportes públicos que os negros, comer nos mesmos balcões de almoço, usar as mesmas instalações públicas. E ainda há muitos desses cristãos que

> se recusam terminantemente a adorar a Cristo nas mesmas congregações que os negros. Até mesmo alguns católicos se recusaram a receber o Corpo de Cristo junto com os negros na comunhão sacramental e ficaram surpresos ao se verem excomungados oficialmente por recusarem escolas integradas, quando, na verdade, já haviam se excomungado por suas próprias ações, agindo pura e simplesmente como cismáticos, rompendo a unidade do Corpo de Cristo. (Merton, 1964, p.17)

Esta análise reflete claramente a influência da experiência mística de Merton do "Le Point Vierge". A percepção da unidade fundamental de toda a humanidade, que ele experimentou em sua epifania em Louisville, implica diretamente em sua crítica ao racismo e sua vocação para a ação, ele entende que se todo ser humano tem dentro de si um ponto de Deus, então é necessário entender a humanidade como uma comunidade única, digna e fraterna, pois este ponto virgem se torna um lugar comum também para a humanidade.

O envolvimento de Merton com questões sociais e políticas não foi sem controvérsias, alguns criticaram-no por se afastar do que viam como o papel tradicional de um monge contemplativo, no entanto, Merton insistia que seu engajamento com o mundo era uma expressão autêntica de sua vocação monástica.

> Para Merton, a clareza e a liberdade que brotam de uma vida contemplativa contínua são fundamentais para o nosso discernimento e o chamado contínuo para nos tornarmos ativistas da justiça e da paz. (Linebarger, 2024, p.3)

O pensamento e ativismo de Merton foram profundamente influenciados por várias mulheres notáveis de sua época. Três figuras femininas em particular tiveram um impacto significativo em sua compreensão da Mística intramundana e seu engajamento social: Dorothy Day, Rosemary Radford Ruether e Irmã Mary Luke Tobin.

Dorothy Day, co-fundadora do Movimento Catholic Worker, foi uma importante correspondente e amiga de Merton. Sua dedicação aos pobres e seu ativismo pela paz ressoaram profundamente com Merton. Eles trocaram cartas por anos, discutindo questões de justiça social, não-violência e o papel dos cristãos na sociedade. Day exemplificava para Merton a integração da contemplação com a ação social direta.

Vai nos dizer Marilyn Sunderman, RSM:

> Embora Thomas Merton e Dorothy Day pareçam ter experimentado a vida em extremos opostos do espectro, eles tinham em comum o forte desejo de integrar contemplação e ação. Merton era um contemplativo cujo serviço ativo assumia a forma de escrita, enquanto a vida predominantemente ativa de Day

> nasceu de um constante retorno ao seu centro contemplativo. A vida de oração de Day a sustentou em seu ministério ativo com pessoas pobres e necessitadas. Isso a capacitou a buscar, de forma profética e perseverante, a paz, a não violência e a justiça em uma sociedade voltada para a guerra, a ação violenta e a injustiça. (Sunderman, 1999, p169)

O beijo da amizade de Dorothy Day em Catherine D, 1957

Rosemary Radford Ruether, teóloga feminista, iniciou uma correspondência com Merton em 1966 que durou até a morte dele. Apesar de sua juventude na época, Merton a tratava como uma igual intelectual. Suas discussões teológicas desafiaram Merton a considerar questões de gênero e o papel das mulheres na Igreja de maneiras que ele não havia feito antes.

Ruether questionou Merton sobre sua vocação monástica e o desafiou a considerar como sua espiritualidade poderia se relacionar mais diretamente com as lutas das mulheres. Essas trocas levaram Merton a uma compreensão mais profunda das dimensões de gênero da espiritualidade e da justiça social.

Rosemary Radford Ruether, década de 1960

Irmã Mary Luke Tobin, Superiora Geral das Irmãs de Loreto, foi uma das poucas mulheres convidadas como observadora oficial para o Concílio Vaticano II, exercendo um papel importante na reforma da Igreja Católica, Tobin e Merton mantiveram uma correspondência significativa um com o outro durante este período crucial na história da Igreja, ele expressou seu apoio entusiástico à participação dela no Concílio, vendo-a como um passo importante para a inclusão das vozes das mulheres na Igreja:

> Uma nova dimensão entrou na amizade deles em 1964, quando a Irmã Luke, então presidente da Conferência das Superioras Maiores das Mulheres, foi nomeada auditora oficial (ou auditrix!) nas duas últimas sessões do Concílio Vaticano II. Merton reflete em seu diário de 26 de setembro de 1964: "Madre Luke (como eu esperava) é uma das observadoras do Concílio - a única americana. Maravilhoso! Isso tem grandes implicações para as freiras, e pode levar a uma abertura e a um progresso considerável. De qualquer forma, não consigo pensar em uma pessoa melhor para isso." (Liddell, 2007, p. 36)

Thomas Merton e Mary Luke Tobin, década de 1960

Tobin, sem dúvida foi uma grande influência no Concilio Vaticano II, mesmo não sendo uma voz ativa para aquele encontro, ela pode contribuir de forma clara para a renovação da Igreja, quando se torna a propagadora desta renovação:

> Em 1º de novembro, ele escreveu para ela: "Não foi realmente uma surpresa para mim que você tenha sido escolhida como observadora da melhor metade da raça humana, até então representada exclusivamente no Conselho pela Mãe Santíssima, suponho. Mas, de qualquer forma, eu a parabenizo calorosamente, e ainda mais porque a honra que lhe foi concedida recai sobre nós, seus amigos e vizinhos. Está mais claro do que

> nunca que, se a Igreja quiser obter o melhor da América, ela deve olhar para Kentucky." Ao retornar, ela foi a Gethsemani e deu aos monges uma palestra sobre suas experiências no Concílio, voltando inclusive uma segunda vez para falar àqueles que não puderam estar presentes na primeira reunião. Merton comentou em seu diário de 10 de dezembro de 1964: "Conversar com ela tornou a sessão muito compreensível, mesmo nos últimos dias, que foram bastante ferozes" (Liddell, 2007, p. 36)

Poderíamos aqui falar de tantas outras influências femininas dentro de uma liderança filosófica, teológica e principalmente socia que Merton teve, bem como aprofundar em como essas relações o ajudou a entender qual era o seu papel no mundo, elas se tornaram referência para este místico que desde cedo perdeu uma importante referência feminina: sua mãe. A presença feminina na vida de Merton não foi somente um apêndice, mas uma perspectiva concisa do papel da mulher como uma agente de transformação. Essas relações com mulheres influentes ajudaram a moldar a compreensão de Merton sobre a intersecção entre contemplação, vida ativa, ação social e as experiências únicas das mulheres. Elas o desafiaram a expandir sua visão da Mística Intramundana para incluir perspectivas femininas e questões de gênero.

Compreendendo a influência destas três mulheres na prática do Merton profeta social, se faz necessário entender um último ponto para a compreensão integral da Mística Intramundana em Thomas Merton, sua relação com uma mulher que fez com que ele entendesse que o amor é a mais bela expressão da mística do ser humano, ele reflete sobre isso em um de seus diários chamado *A Midsummer Diary for M.*

"M", também conhecida como Margie Smith, foi uma jovem enfermeira que Thomas Merton conheceu em 25 de março de 1966, em um período de recuperação de uma cirurgia no hospital St Joseph's em Louisville-KY. Esta relação com Margie teve um impacto profundo em sua compreensão da Mística Intramundana e de sua relação com o mundo. Embora sua breve e platônica relação, esse encontro amoroso representou um ponto de inflexão na vida espiritual de Merton, levando-o a uma reflexão mais profunda sobre o significado do amor humano e sua conexão com o amor divino.

Merton conheceu "M", como ele a chamava Margie carinhosamente em seu diário e cartas, aos 51 anos, se viu profundamente atraído pela jovem de 25 anos, desenvolvendo sentimentos intensos que o surpreenderam e desafiaram seus votos

monásticos. Em seus diários, Merton descreve o tumulto interior causado por essa paixão:

> Tudo o que sei é que a amo tanto que mal consigo pensar em outra coisa que não seja ela. Também sei que, por si só, esse amor é algo de enorme valor (nunca alguém se entregou a mim tão completamente, tão abertamente, tão francamente, e nunca respondi tão completamente!) No entanto, ele está em conflito absoluto com todos os cânones sociais, sentimentos, predeterminações etc. E todo mundo, os piedosos e os briguentos, o usarão para uma única coisa: para nos esmagar e desacreditar. (Merton, 1997, p. 66)

Essa experiência levou Merton a um confronto direto com sua humanidade e vulnerabilidade, por um lado, ele se sentia culpado por ter desenvolvido sentimentos românticos, considerando-os uma violação de seus votos, por outro, reconhecia a beleza e a pureza desse amor, vendo-o como uma manifestação do amor divino em forma humana.

O relacionamento com “M” forçou Merton a reavaliar sua compreensão da contemplação e sua relação com o mundo, ele começou a perceber que a verdadeira vida contemplativa não significava uma fuga das emoções e experiências humanas, mas sim uma integração mais profunda delas. Segundo Merton (1985) para viver a contemplação não se pode negar o amor humano, ou tentar escapar dele, sem negar algo fundamental sobre nossa humanidade e nossa conexão com Deus.

Essa nova perspectiva levou Merton a uma compreensão mais ampla e compassiva da Mística Intramundana. Ele passou a ver o amor humano não como um obstáculo à vida espiritual, mas como um caminho potencial para uma experiência mais profunda do divino. Isso se refletiu em seus escritos posteriores, onde ele explorou mais profundamente a interconexão entre o amor humano e o amor divino.

O amor correspondido de Merton por “M”, fez com que ele descobrisse novas compreensões deste digno, justo e belo sentimento, um ato de entrega mútua, que aconteceu mesmo em uma realidade de crise, compreendendo que o amor e a compaixão são as expressões mais profundas de um mesmo compromisso, do seu comprometimento com o outro, até mesmo em uma realidade de justiça. Merton Começou a ver mais claramente como o amor - seja ele romântico, fraternal ou compassivo - era fundamental para abordar os problemas do mundo.

Essa experiência também influenciou a visão de Merton sobre o celibato e a vida monástica. Ao fazer a escolha difícil de permanência a fidelidade aos seus votos, sua experiência com “M” o permitiu a ver o celibato não como uma negação do amor

humano, mas como uma forma diferente de expressá-lo. Segundo Merton (1966) o celibato, quando vivido autenticamente, não é uma rejeição do amor, mas uma expansão dele, é amar toda a humanidade com a intensidade que normalmente reservamos para um único indivíduo.

O relacionamento com “M”, embora breve, teve um impacto duradouro na espiritualidade de Merton e em sua compreensão da Mística Intramundana. Ele o levou a uma visão mais integrada da vida espiritual, onde o amor humano e o divino não são vistos como opostos, mas como aspectos complementares da mesma realidade. Ele passou a ver mais claramente como o amor - em todas as suas formas - era fundamental para abordar os problemas do mundo. Em seus escritos posteriores, Merton frequentemente conectava sua compreensão do amor com seu ativismo pela paz e justiça racial.

O episódio com “M” também levou Merton a uma compreensão mais profunda da solidão. Enquanto anteriormente ele via a solidão principalmente como um meio de se afastar do mundo, agora ele a via como um caminho para uma conexão mais profunda com toda a humanidade. Em *Learning to love*, ele escreveu:

> Quem sabe alguma coisa sobre solidão se não tiver se apaixonado, e se apaixonado em sua solidão? O amor e a solidão devem se submeter mutuamente no homem que pretende viver sozinho: eles devem se tornar uma e a mesma coisa nele, ou ele será apenas metade de uma pessoa. A menos que eu o tenha sempre comigo, de uma forma muito tranquila e perfeita, nunca serei capaz de viver frutuosamente sozinho. Veja como você se tornou necessário para mim! Não posso nem mesmo ser um eremita sem você! (MERTON, 1966, p. 81).

Esta nova compreensão da solidão como um caminho para a conexão, ao invés de isolamento, tornou-se central para a visão de Merton da Mística Intramundana. Ele passou a ver a vida contemplativa não como uma fuga do mundo, mas como uma forma de engajamento mais profundo com ele.

O impacto do relacionamento com “M” na espiritualidade de Merton é evidente em seus escritos posteriores, onde ele frequentemente explorava temas de amor, solidão e conexão humana. Por exemplo, em *Love and Living*, uma coleção póstuma de seus ensaios, Merton escreveu:

> O cristão ama porque Deus é amor e porque Deus se manifesta no amor real, não apenas em ideias e práticas piedosas. De fato, Deus não deseja permanecer isolado em um céu remoto. Ele desejou descer e “armar sua tenda” entre os homens para se manifestar no homem. Além disso, ele deseja

> fazer isso somente com a livre cooperação do próprio homem. Uma das ideias mais fundamentais do cristianismo é que a livre decisão dos homens de amar uns aos outros em Cristo permite que eles cooperem de forma positiva e criativa na manifestação definitiva de Deus na Terra (João 17,3-23). (Merton, 1985 p.118)

Esta passagem reflete claramente a influência de sua experiência com “M”, mostrando como ele havia chegado a ver o amor e a conexão humana como centrais para a vida espiritual.

Em última análise, o relacionamento de Merton com Margie Smith, embora breve, teve um impacto profundo e duradouro em sua espiritualidade e em sua compreensão da Mística Intramundana. Ele o levou a uma visão mais integrada da vida espiritual, onde o amor humano e o divino, a contemplação e a ação, a solidão e a conexão, não são vistos como opostos, mas como aspectos complementares da mesma realidade.

Esta experiência aprofundou o compromisso de Merton com a justiça social e a não-violência, levando-o a ver mais claramente como o amor e a compaixão eram fundamentais para abordar os problemas do mundo, também o levou a uma compreensão mais profunda da solidão como um caminho para a conexão, ao invés de isolamento.

Nunca saberemos o que realmente aconteceu, mesmo que a curiosidade nos levasse a fantasiar está relação. Merton ao findar o seu contato com Margie queimou todas as suas cartas, tanto as dele como as dela, então o que temos é somente a visão de Thomas Merton, resta-nos saber a visão de Margie.

O legado desta experiência pode ser visto na contínua relevância do pensamento de Merton para os desafios contemporâneos. Sua visão integrada da espiritualidade, que abraça tanto o amor humano quanto o divino, tanto a contemplação quanto a ação social, continuam a inspirar aqueles que buscam uma espiritualidade que seja relevante para o mundo moderno.

## Conclusão

Compreendemos o papel importante de Merton nos movimentos sociais de sua época, poderíamos dizer que se Merton estivesse vivo hoje, ele provavelmente estaria na vanguarda de movimentos como o Black Lives Matter, aplicando sua compreensão

da Mística Intramundana aos desafios urgentes de nosso tempo. Sua insistência de que o racismo e outras formas de injustiça só podem ser superados através de uma transformação profunda do coração humano - uma transformação que ele via como intrinsecamente ligada à experiência contemplativa - continua a ser uma mensagem poderosa e relevante.

Também podemos destacar a importância do feminino na vida de Merton, um papel fundamental para o amadurecimento de seu pensamento, bem como do preenchimento desta lacuna tão importante de um referencial.

Em última análise, o relacionamento de Merton com Margie Smith, embora breve, teve um impacto profundo e duradouro em sua compreensão da Mística Intramundana. Ele o levou a uma visão mais integrada da vida espiritual, onde o amor humano e o divino não são vistos como opostos, mas como aspectos complementares da mesma realidade. Esta experiência aprofundou seu compromisso com a justiça social e a não-violência, e continua a oferecer insights valiosos para aqueles que buscam uma espiritualidade que seja relevante para os desafios do mundo contemporâneo.

### 3.4 A relevância da Mística Intramundana em Thomas Merton para os estudos sobre Mística Contemporânea na academia.

> *“Por isso, sempre confiarei em Ti, mesmo que me sinta perdido ou às portas da morte, nada recearei, pois Tu estás sempre comigo e nunca me deixarás sozinho.” Thomas Merton*

A relevância da Mística Intramundana de Thomas Merton para os estudos sobre Mística Contemporânea na academia é multifacetada e significativa. Merton oferece uma perspectiva única que integra profundamente a vida contemplativa com o engajamento ativo no mundo, proporcionando um paradigma valioso para repensar a relação entre espiritualidade e ação social no contexto contemporâneo.

Em primeiro lugar, a abordagem de Merton representa uma síntese criativa entre a tradição contemplativa cristã e as preocupações do mundo moderno. Como observa Sibélius Cefas Pereira, Merton "reinaugura uma perspectiva mística novidadeira, de encontro com Deus na história" (Pereira, 2014, p.11). Esta síntese é particularmente relevante para os estudos acadêmicos sobre mística, pois oferece um modelo de espiritualidade que não se aliena do mundo, mas que aprofunda nossa conexão com ele e nossa responsabilidade para com os outros.

A evolução do pensamento de Merton, desde suas obras iniciais como *A Montanha dos Sete Patamares (1948)* até seus escritos mais maduros como *Novas Sementes da Contemplação (1962)*, demonstra um desenvolvimento significativo na compreensão da relação entre contemplação e ação. Esta evolução, documentada em suas obras e correspondências, fornece um rico material para estudos acadêmicos sobre o desenvolvimento da espiritualidade no contexto do século XX.

O conceito de "Le Point Vierge", central na mística de Merton, oferece uma perspectiva única sobre a experiência contemplativa e sua relação com o divino. Este conceito, que se refere ao ponto de pureza no centro do ser humano onde Deus habita, proporciona um foco para estudos acadêmicos sobre a natureza da experiência mística e sua articulação na linguagem contemporânea.

A Mística Intramundana de Merton também oferece contribuições significativas para o diálogo inter-religioso. Sua abertura a insights de outras tradições religiosas, particularmente do budismo Zen, demonstra uma abordagem inclusiva e dialógica que é altamente relevante para os estudos contemporâneos sobre religião e espiritualidade em um mundo globalizado.

Além disso, a ênfase de Merton na responsabilidade social e na busca por justiça como expressões concretas da experiência mística oferece um modelo para estudos sobre a relação entre espiritualidade e engajamento social.

A abordagem de Merton à contemplação como uma força que não aliena do mundo, mas que aprofunda nossa conexão com ele, é particularmente relevante em um momento em que muitos buscam uma espiritualidade que seja ao mesmo tempo profunda e socialmente engajada. Isso oferece um rico campo de estudo para acadêmicos interessados na interseção entre espiritualidade e ativismo social.

A crítica de Merton à modernidade, particularmente sua análise da alienação e fragmentação da vida moderna, fornece insights valiosos para estudos sobre a relação entre religião e sociedade contemporânea. Sua busca por uma espiritualidade que possa responder aos desafios da vida moderna oferece um modelo para pensar sobre o papel da religião em um mundo cada vez mais secularizado.

A integração que Merton faz entre contemplação e ecologia também é altamente relevante para os estudos contemporâneos sobre religião e meio ambiente. Sua compreensão da interconexão entre espiritualidade e cuidado com o meio ambiente reflete uma visão holística da realidade que é cada vez mais importante no contexto da crise ecológica global.

Do ponto de vista metodológico, a abordagem de Merton, que combina reflexão teológica, experiência pessoal e engajamento com questões sociais contemporâneas, oferece um modelo interdisciplinar valioso para os estudos acadêmicos sobre mística. Sua obra demonstra como a experiência contemplativa pode informar e ser informada por uma ampla gama de disciplinas, incluindo teologia, filosofia, psicologia e estudos sociais.

A relevância de Merton para os estudos sobre Mística Contemporânea na academia é ainda mais evidente quando consideramos sua influência duradoura. Apesar de ter falecido em 1968, suas ideias continuam a inspirar pesquisas e reflexões acadêmicas. Iniciativas como as desenvolvidas pelo grupo Apophatiké na PUC-Rio, que têm explorado a mística contemporânea, frequentemente recorrem ao trabalho de Merton como uma referência importante.

No contexto brasileiro, embora os estudos sobre Merton ainda sejam relativamente escassos, trabalhos como os de Sibélius Cefas Pereira e Getúlio Antônio Bertelli demonstram o potencial de sua obra para enriquecer o campo da Ciência da Religião no país. A abordagem de Merton, que integra profundamente

espiritualidade e engajamento social, ressoa particularmente com as preocupações da teologia da libertação e outras correntes de pensamento que buscam articular fé e justiça social no contexto latino-americano.

A Mística Intramundana de Merton também oferece um contraponto valioso às tendências individualistas e consumistas na espiritualidade contemporânea. Sua ênfase na comunidade, na solidariedade e na responsabilidade social como aspectos integrais da vida espiritual fornece um modelo alternativo que pode enriquecer os estudos acadêmicos sobre as formas contemporâneas de espiritualidade.

Além disso, a abertura de Merton ao diálogo inter-religioso, particularmente sua exploração do budismo Zen, oferece um modelo para estudos comparativos de mística que respeitam a integridade de diferentes tradições enquanto buscam pontos de convergência. Isso é particularmente relevante no contexto atual de globalização e pluralismo religioso.

A evolução do pensamento de Merton ao longo de sua vida, documentada em seus diários e correspondências, oferece um estudo de caso fascinante para pesquisadores interessados no desenvolvimento da espiritualidade ao longo da vida. Sua jornada de uma compreensão mais tradicional da vida monástica para uma visão mais engajada e socialmente consciente da contemplação reflete mudanças mais amplas na espiritualidade católica do século XX.

A crítica de Merton à "falsa mística", que ele via como uma fuga da realidade ou uma busca por experiências extraordinárias, é particularmente relevante no contexto contemporâneo, onde há um interesse crescente em experiências espirituais, mas também o risco de uma espiritualidade superficial ou narcisista. Seus escritos oferecem critérios valiosos para discernir entre formas autênticas e inautênticas de espiritualidade.

A abordagem de Merton à contemplação como uma forma de conhecimento experiencial, distinta do conhecimento conceitual, tem implicações importantes para os estudos epistemológicos na filosofia da religião. Sua insistência na possibilidade de um conhecimento direto e intuitivo de Deus desafia as abordagens puramente racionalistas à religião e oferece um modelo para integrar experiência e reflexão nos estudos religiosos.

Finalmente, a relevância de Merton para os estudos sobre Mística Contemporânea na academia é evidenciada pela contínua produção de pesquisas sobre seu trabalho. Conferências internacionais, publicações acadêmicas e

programas de estudo dedicados ao pensamento de Merton demonstram o valor duradouro de suas contribuições para o campo.

## Conclusão

Em conclusão, a Mística Intramundana de Thomas Merton oferece uma rica fonte de insights para os estudos acadêmicos sobre mística contemporânea. Sua integração de contemplação e ação, sua abertura ao diálogo inter-religioso, sua crítica à modernidade e sua busca por uma espiritualidade socialmente engajada fornecem um paradigma valioso para repensar o papel da espiritualidade no mundo contemporâneo. A relevância contínua de Merton para os estudos acadêmicos sobre mística é um testemunho da profundidade e da originalidade de seu pensamento, bem como da sua capacidade de falar às preocupações espirituais e sociais de nossa época.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Thomas Merton oferece uma perspectiva valiosa para analisar a mística contemporânea e sua relevância para o pensamento acadêmico, bem como para compreender a religião como caminho concreto para a justiça social. Sua abordagem da Mística Intramundana fornece um paradigma importante para os estudos contemporâneos sobre religião e espiritualidade.

## Merton como ferramenta para análise da mística contemporânea

Thomas Merton apresenta uma síntese criativa entre a tradição contemplativa cristã e as preocupações do mundo moderno, reinaugurando "uma perspectiva mística novidadeira, de encontro com Deus na história"(Pereira, 2014, p.19). Esta integração é particularmente relevante para os estudos acadêmicos sobre mística, pois oferece um modelo de espiritualidade que não se aliena do mundo, mas aprofunda nossa conexão com ele.

A evolução do pensamento de Merton, documentada em suas obras e correspondências, fornece um rico material para estudos sobre o desenvolvimento da espiritualidade no contexto do século XX. Sua abertura ao diálogo inter-religioso, particularmente com o budismo Zen, demonstra uma abordagem inclusiva e dialógica altamente relevante para os estudos contemporâneos sobre religião em um mundo globalizado.

A ênfase de Merton na responsabilidade social e na busca por justiça como expressões concretas da experiência mística oferece um modelo valioso para estudos sobre a relação entre espiritualidade e engajamento social. Sua compreensão da contemplação como uma força que aprofunda nossa conexão com o mundo é particularmente relevante para pesquisas sobre a interseção entre espiritualidade e ativismo social.

## Mística Intramundana e justiça social

A Mística Intramundana de Merton contribui significativamente para a compreensão da religião como caminho concreto para a justiça social. Merton enfatiza que a experiência contemplativa não leva a uma negação do mundo, mas a um encontro mais profundo com o humano através do encontro com o divino. Esta

perspectiva oferece um paradigma valioso para repensar o papel da espiritualidade no engajamento social.

Merton argumenta que a vida contemplativa que é plena e autêntica é aquela que, no encontro com o divino, encontra o humano. O mergulho vertical da alma em Deus amplia os horizontes, alargando o olhar amoroso que vislumbra o outro em seu desamparo. Esta visão fornece uma base teórica sólida para estudos sobre como a experiência religiosa pode motivar e sustentar o compromisso com a justiça social.

A crítica de Merton à modernidade, particularmente sua análise da alienação e fragmentação da vida moderna, oferece insights valiosos para estudos sobre a relação entre religião e sociedade contemporânea. Sua busca por uma espiritualidade que possa responder aos desafios da vida moderna proporciona um modelo para pensar sobre o papel da religião em um mundo cada vez mais secularizado[3].

**Relevância para a Ciência da Religião no Brasil**

A obra de Merton tem demonstrado clara relevância para a compreensão da Mística Contemporânea nos estudos produzidos pela Ciência da Religião no Brasil. Embora os estudos sobre Merton ainda sejam relativamente escassos no país, trabalhos como os de Sibélius Cefas Pereira e Getúlio Antônio Bertelli demonstram o potencial de sua obra para enriquecer o campo.

A abordagem de Merton, que integra profundamente espiritualidade e engajamento social, ressoa particularmente com as preocupações da teologia da libertação e outras correntes de pensamento que buscam articular fé e justiça social no contexto latino-americano. Isso oferece um terreno fértil para estudos comparativos e análises contextualizadas dentro da Ciência da Religião brasileira.

A recepção da obra de Merton no Brasil tem se dado por diferentes vias, incluindo a mediação de religiosos, especialmente das ordens monásticas, e figuras laicas notórias como Alceu Amoroso Lima. Além disso, Merton tem ganhado espaço no meio acadêmico, com orientações de pesquisas em universidades como a UFJF e a PUC-RJ.

**Conclusão**

A obra de Thomas Merton, com sua integração de contemplação e ação, sua abertura ao diálogo inter-religioso, sua crítica à modernidade e sua busca por uma espiritualidade socialmente engajada, fornece um paradigma valioso para repensar o

papel da espiritualidade no mundo contemporâneo. Sua Mística Intramundana oferece uma perspectiva única sobre como a experiência religiosa pode informar e motivar o compromisso com a justiça social.

Para a Ciência da Religião no Brasil, Merton representa uma fonte rica e ainda pouco explorada para estudos sobre mística contemporânea, diálogo inter-religioso e a relação entre espiritualidade e engajamento social. Sua obra oferece um aporte teórico sólido que pode auxiliar em estudos empíricos da religião contemporânea e seus fenômenos, especialmente na compreensão da relação entre religião e justiça social no contexto brasileiro e latino-americano.

Por fim, compreender a Mística Intramundana em Thomas Merton não só no mundo acadêmico se faz necessário, para entender que homens e mulheres, em todo canto, de toda história, de toda raça, de toda cultura, de todos os tempos, são seres que possuem em si o “ponto de Deus”, o amor, a vida e a dignidade, que a Mística Intramundana de Thomas Merton ajude a humanidade a viver uma fraternidade que constrói, que transforma dor em alegria, que luta pela paz de hoje, no aqui e agora, finalizo esta dissertação com a música de Lión Gieco que ficou eternizada na voz de Mercedes Sosa:

Solo le pido a Dios
Que el dolor no me sea indiferente
Que la reseca muerte no me encuentre
Vacía y sola sin haber hecho lo suficiente
Solo le pido a Dios
Que lo injusto no me sea indiferente
Que no me abofeteen la otra mejilla
Después que una garra me arañe esta suerte
Solo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente
Solo le pido a Dios
Que el engaño no me sea indiferente

Si un traidor puede más que unos cuantos
Que esos cuantos no lo olviden fácilmente
Solo le pido a Dios
Que el futuro no me sea indiferente
Desahuciado está el que tiene que marchar
A vivir una cultura diferente
Solo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente

*“Digamos juntos, de coração: nenhuma família sem casa, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhuma pessoa sem a dignidade que o trabalho dá”.*

**Papa Francisco**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Artigos

CANNON, Nass. Attending to the Presence of God: Thomas Merton and Le Point Vierge. Merton Journal, v. 18, n. 1, p. 11-17, 2011.

DAVIS, S. M. Thomas Merton and Social Justice: A Contemplative Approach. Journal of Christian Ethics, v. 32, n. 2, p. 123-138, 2018.

LIDDELL, Rose Annette. A Creative Exchange: The Friendship of Thomas Merton and Mary Luke Tobin. The Merton Seasonal, v. 32, p. 35-39, 2007.

LINEBARGER, Leslea. Thomas Merton: The Connection Between Contemplation and Activism. Religious & Theological Studies Student Work, n. 10, 2024.

MUKERJI, S. Contemplation, Action, and Justice in the Writings of Thomas Merton. Spirituality Today, v. 52, n. 4, p. 215-228, 2000.

O'CONNELL, J. The Interreligious Thought of Thomas Merton. Journal of Ecumenical Studies, 2012.

RAKOCZY, Susan. What does mysticism have to do with social justice?. Scriptura, v. 112, n. 1, p. 1-16, 2013.

RECH, Helena Teresinha. A experiência cristã de Deus: fundamentos teológicos. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 117-118, jan./jun. 1998.

REED, R. E. Being Still in a World of Noise: Thomas Merton and the Art of Contemplation. Spirituality Studies Journal, v. 7, n. 3, p. 245-263, 2015.

SHELDRAKE, Philip. Contemplation and social transformation: The example of Thomas Merton. Acta Theologica Supplementum, v. 11, p. 181-197, 2018.

SUNDERMAN, Marilyn. Thomas Merton and Dorothy Day on Prayer, Conscience and Christian Social Responsibility: A Comparative Study. The Merton Annual, v. 12, p. 268, 1999.

VEILLEUX, Armand. The Trappist Way in the 21st Century. Cistercian Studies Quarterly, v. 45, n. 1, p. 12, 2010.

### Livros

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas, 1989.

BINGEMER, Maria Clara (org.). Thomas Merton: Clausura no Centro do mundo. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018.

BINGEMER, Maria Clara; BOFF, Leonardo. Mística e espiritualidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BOCHEN, Christine M. Thomas Merton: Essential Writings. Maryknoll: Orbis Books, 2000.

BOCHEN, Christine M. Thomas Merton Encyclopedia. Nova Iorque: Orbis Books, 2002.

BONHOEFFER, Dietrich. Vida em comunhão. São Paulo: Sinodal, 1997.

BREIT, Marquita E.; DAGGY, Robert E. Thomas Merton: A Comprehensive Bibliography. New York: Garland, 1986.

BREIT, Marquita E.; BURTON, Patricia A.; PEARSON, Paul M. 'About Merton': Secondary Sources 1945-2000: A Bibliographic Workbook. Louisville: The Thomas Merton Center Foundation, 2002.

BURTON, Naomi (ed). Thomas Merton: Love and living. New York: HBJ Book, 1985.

BURTON, Patricia A; O'CONNELL, Patrick F. Merton Vade Mecum, a Quick-Reference Biobliographic Handbook. Louisville: The Thomas Merton Center, 2016.

BURTON, Patricia A. More Than Silence: A Bibliography of Thomas Merton. Lanham: Scarecrow Press, 2008.

CARDENAL, Ernesto. To love is to live. New York: Herder and Herder, 1972.

CARR, Anne E. A Search for Wisdom and Spirit: Thomas Merton's Theology of the Self. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1988.

CASALDÁLIGA, Pedro. Espiritualidade da libertação. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHITTISTER, Joan. Sabedoria que brota do cotidiano: viver a Regra de São Bento hoje. São Paulo: Subiaco, 2004.

CUNNINGHAM, Lawrence S. Thomas Merton and the Monastic Vision. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Org.). Dicionário de espiritualidade. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1993.

FINLEY, James. Merton's Palace of Nowhere. Indiana: Ave Maria Press, 1978.

FRIEDMAN, M. L. Merton and the Mystic Way. New Delhi: Paulist Press, 1978.

FURLONG, Monica. Merton — A Biography. San Francisco: Harper & Row, 1980.

GIVEY, David W. The social thought of Thomas Merton: the way of nonviolence and

peace for the future. Chicago: Franciscan Herald Press, 1983.
GRAYSTON, Donald. Thomas Merton: The Development of a Spiritual Theologian. New York: Edwin Mellen Press, 1985.
HARRIS, Paul (Org.). The fire of silence and stillness: an anthology of quotations for the spiritual journey. London: Darton, Longman and Todd, 1995.
HESCHEL, Abraham Joshua. The insecurity of freedom: essays on human existence. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1966.
INCHAUSTI, Robert. Thomas Merton's American Prophecy. Albany: State University of New York Press, 1998.
JOHNSTON, William (Org.) Encyclopedia of Monasticism. v. I e II. Chicago and London: Fitzry Dearbarn Publishers, 2000.
LEKAI, Louis J. The Cistercians: Ideals and Reality. Kent State University Press, 1977.
LINDBERG, T. H. Merton's Social Engagement: A Compendium. New York: Continuum, 1999.
MAIER, J. G. Thomas Merton and His Legacy: A Comprehensive Study. New York: Doubleday, 2017.
MELLONI, Javier. Itinerario hacia una vida en Dios. Barcelona: Cristianisme i Justicia, 2001.
MERTON, Thomas. A montanha dos sete patamares. São Paulo: Petra, 2018.
_____. A sabedoria do deserto. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
_____. A via de Chuang Tzu. Petrópolis: Vozes, 1967.
_____. Amor e vida. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
_____. As águas de Siloé. Belo Horizonte: Itatiaia, [s.d.].
_____. Ascensão para a verdade. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.
_____. Asian journal of Thomas Merton. Nova Iorque: New Directions, 1973.
_____. At home in the world: letters of Thomas Merton and Rosemary Radford Ruether. Nova Iorque: Orbis Books, 1995.
_____. Cables to the ace or familiar liturgies of misunderstanding. Greensboro: Unicorn Press, 1986.
_____. Climate of monastic prayer. Washington: Cistercian Publications, 1973.
_____. Contemplação num mundo de ação. Petrópolis: Vozes, 1975.
_____. Contemplative prayer. Nova Iorque: Image Books, 1992.

_____. Conjectures of a guilty bystander. Nova Iorque: Doubleday, 1966.

_____. Courage for truth: letters to writers. Nova Iorque: Farrar, Straus & Giroux, 1993.

_____. Desert fathers. Nova Iorque: A New Direction Book, 1970.

_____. Disputed questions. San Diego: Harcourt Brace, 1985.

_____. Espiritualidade, contemplação, paz. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. Faith and violence: Christian teaching and Christian practice. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1968.

_____. Hidden ground of love: the letters of Thomas Merton on religious experience and social concerns. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1993.

_____. Homem algum é uma ilha. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

_____. Ishi means man: essays. Greensboro: Unicorn Press, 1976.

_____. Literary essays of Thomas Merton. Nova Iorque: New Directions, 1985.

_____. Love and living. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1985.

_____. Místicos e mestres zen. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. Monastic journey. 2. ed. Kansas City: Sheed Andrews and McMeel, 1978.

_____. My argument with the Gestapo: a macaronic journal. Nova Iorque: Doubleday, 1969.

_____. Na liberdade da solidão. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. New seeds of contemplation. Nova Iorque: New Directions, 1962.

_____. Novas sementes de contemplação. 2. ed. Rio de Janeiro: Fissus, 2001.

_____. O pão no deserto. Petrópolis: Vozes, 1958.

_____. O pão vivo. Petrópolis: Vozes, 1960.

_____. O signo de Jonas. São Paulo: Mérito, 1954.

_____. Original child bomb. Nova Iorque: A New Directions Book, 1962.

_____. Raids on the unspeakable. Nova Iorque: New Directions, 1966.

_____. Reflexões de um espectador culpado. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. Road to joy: letters to new and old friends. Nova Iorque: A Harvest Book, 1993.

_____. Roots of war. The Catholic Worker, jun. 1965, p. 5-6.

_____. São Bernardo de Claraval. Petrópolis: Vozes, 1958.

_____. School of charity: the letters of Thomas Merton on religious renewal and spiritual direction. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1993.

_____. Seeds of contemplation. Nova Iorque: New Directions, 1986.

_____. Seeds of destruction. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1965.

_____. Sementes de contemplação. Porto: Tavares Martins, 1956.

_____. Sementes de destruição. Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. Spirit of simplicity. Kentucky: Trappists, 1948.

_____. Spiritual direction and meditation. Collegeville: Liturgical Press, 1960.

_____. Thomas Merton on peace. Londres: Mowbrays, 1976.

_____. Thomas Merton reader. Nova Iorque: Doubleday, 1974.

_____. Thoughts in solitude. Boston: Shambhala, 1993.

_____. Vida contemplativa en la Trapa. Azul: Monasterio Nuestra Señora de los Angeles, 1976.

_____. Witness to freedom: the letters of Thomas Merton in times of crisis. Nova Iorque: A Harvest Book, 1995.

_____. Woods, shore, desert: a notebook, May 1968. Santa Fe: Museum of New Mexico Press, 1982.

_____. Zen and the birds of appetite. London: Shambhala, 1993.

_____. Zen e as aves de rapina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

MOTT, Michael. The Seven Mountains of Thomas Merton. San Francisco: Harper & Row, 1984.

PEARSON, Paul M. The Seven Storey Goldmine: The Extraordinary Success of Thomas Merton's Autobiography. Los Angeles: Catholic Library Word, 2017.

PEREIRA, Sibélius Cefas. Thomas Merton: Contemplação no Tempo e na História. São Paulo: Paulus, 2014.

RAHNER, Karl. Apud TUOTI, Frank (Org.). Why not be a mystic: an irresistible invitation to experience the presence of God - here and now. New York: Crossroad, 1995.

RAPHAEL, R. Living the Tradition: Thomas Merton. New York: Church Publishing, 1986.

SHANNON, William H. Silent Lamp: The Thomas Merton Story. New York: Crossroad, 1992.

_____. Thomas Merton: An Introduction. Cincinnati: St. Anthony Messenger Press, 2005.

_____. Thomas Merton's Dark Path: The Inner Experience of a Contemplative. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1981.

THURSTON, Bonnie. Merton & Buddhism: Wisdom, Emptiness & Everyday Mind. Louisville: Fons Vitae, 2007

.**Documentos institucionais:**

A Regra de São Bento. Edição bilíngue. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003.

Constitutions and Statutes of the Cistercian Order of the Strict Observance. General Chapter, 2024.

**Diários:**

BACHEN, Christine M. (Org.). Learning to Love: Exploring Solitude and Freedom. v. VI (1966-1967). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1998.

CUNNINGHAM, S. Laurence (Org.). A Search for Solitude: Pursuing the Monk's True Life. v. III (1952-1960). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1996.

DAGGY, Robert E. (Org.). Dancing in the Water of Life: Seeking Peace in the Hermitage. v. V (1963-1965). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1998.

HART, Patrick (Org.). Run to the Mountain: The Story of a Vocation. v. I (1939-1941). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1995.

HART, Patrick (Org.). The Other Side of the Mountain: The End of the Journey. v. VII (1967-1968). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1999.

HART, Patrick; MONTALDO, Jonathan. Merton na Intimidade: Sua Vida em Seus Diários. Rio de Janeiro: FISUS, 2001.

KRAMER, Victor A. (Org.). Turning toward the World: The Pivotal Years. v. IV (1960-1963). Nova Iorque: Harper San Francisco, 1997.

MERTON, Thomas. Diálogos com o Silêncio: Orações & desenhos. Rio de Janeiro: FISUS, 2003.

MONTALDO, Jonathan (Org.). Entering the Silence: Becoming a Monk and Writer. v. II (1941-1952). Nova Iorque: Harper San Francisco, 1995.

# ANEXO I

**Um panorama das obras de Thomas Merton: uma sugestão de categorização.[36]**

Este anexo apresenta uma proposta de categorização das obras de Thomas Merton, visando facilitar a compreensão e o estudo sistemático de sua vasta produção literária. A categorização aqui apresentada divide as obras de Merton em seis eixos temáticos principais: autobiografia e escritos pessoais; vida contemplativa e espiritualidade cristã; teologia social e justiça; diálogo inter-religioso e sabedoria oriental; escritos literários e poesia; e ensaios e escritos diversos.

Esta organização busca evidenciar a interconexão entre os diversos aspectos do pensamento de Merton, revelando a riqueza e complexidade de sua produção intelectual e espiritual. É importante ressaltar que essas categorias não são estanques, mas sim interligadas, refletindo a natureza multifacetada do trabalho de Merton.

A seguir, encontra-se uma lista completa das obras de Thomas Merton, organizadas de acordo com as categorias propostas. Esta categorização visa não apenas facilitar a pesquisa e o estudo das obras de Merton, mas também proporcionar uma visão abrangente de sua contribuição para a espiritualidade, a teologia e a literatura do século XX.

**Autobiografia e Escritos pessoais**

- **1948** - *The Seven Storey Mountain (A Montanha dos Sete Patamares)*
- **1953** - *The Sign of Jonas (O Signo de Jonas)*
- **1959** - *The Secular Journal of Thomas Merton (O Diário Secular)*
- **1968** - *Woods, Shore and Desert: A Notebook*

- **Obras Póstumas**

- ***1973** - *The Asian Journal of Thomas Merton* (*Diários da Ásia de Thomas Merton)*
- **1977** - *The Monastic Journey*

[36] As obras de Thomas Merton estão em uma sequência cronológica de publicação e não de escrita, a utilização desta parametrização é para uma melhor visualização de seu trabalho de acordo com a proposta de categoria de seus escritos.

- **1981** - *Day of a Stranger*
- **1988** - *A Vow of Conversation: Journals 1964-1965*
- **1988** -*Thomas Merton in Alaska: The Alaskan Conferences, Journals and Letters*
- **1989** - *The Road to Joy: Letter to New and Old Friends* (Letters, II)
- **1990** - *The School of Charity: Letters on Religious Renewal and Spiritual Direction* (Letters, III)
- **1992 –** *Thomas Merton: Spiritual Master*
- **1993** - *The Courage for Truth: Letters to Writers* (Letters, IV)
- **1994** - *Witness to Freedom: Letters in Times of Crisis* (Letters, V)
- **1995** - *Run to the Mountain: The Story of a Vocation* (Journals, I: 1939-1941)
- **1996** - *Entering the Silence: Becoming a Monk and Writer* (Journals, II: 1941-1952);
- **1996** - *A Search for Solitude: Pursuing the Monk's True Life* (Journals, III: 1952-1960);
- **1996** - *Turning Toward the World: The Pivotal Years* (Journals, IV: 1960-1963)
- **1997** - *Dancing in the Water of Life: Seeking Peace in the Hermitage* (Journals, V: 1963- 1965)
- **1997** - *Learning to Love: Exploring Solitude and Freedom* (Journals VI: 1966-1967)
- **1998** -*The Other Side of the Mountain: The End of the Journey* (Journals VII: 1967-1968)
- **1999** -*The Intimate Merton: His Life from His Journals (Merton na Intimidade: sua vida e seus Diários)*
- **2005 -** *Cassian and the Fathers: Notes for Conferences Given in the Choir Novitiate, Abbey of Gethsemani*
- **2007 –** *Thomas Merton In My Own Worlds*
- ***2008 –*** *Thomas Merton: a Life in Letters - The Essential Collection*
- **2009** - *Compassionate Fire: The Letters of Thomas Merton and Catherine De Hueck Doherty*
- **2014** - *The Letters of Thomas Merton and Victor and Carolyn Hammer: Ad Majorem Dei Gloriam*
- ***2015 -*** *The Letters of Robert Giroux and Thomas Merton*

**Vida Contemplativa e Espiritualidade Cristã**

- **1948** - *What Are These Wounds? (O que são estas Chagas)*
- **1949 –** Monastic Peace; What Is Contemplation?; Basic Principles of Monastic Spirituality (Espiritualidade, Contemplação e Paz)
- **1949** – *Seeds of Contemplation* (Sementes de Contemplação)
- **1949** – *The Waters of Siloe (Águas de Siloé)*
- **1953** - *Bread in the Wilderness (O Pão do Deserto)*
- **1955** - *No Man Is an Island (Homem Algum é uma Ilha)*
- **1956** - *The Living Bread (O Pão Vivo)*
- **1956 –** *Silence in Heaven*
- **1956 –** Praying the Salms (Rezar os salmos – edição portuguesa)
- **1957** - *The Silent Life* (A Vida Silenciosa)
- **1957 –** Basic Principles of Monastic Spirituality
- **1958** - *Thoughts in Solitude (Na Liberdade da Solidão)*
- **1960 –** *Spiritual Directiion and Meditation (Direção Espiritual e Meditação)*
- **1960** - *The Wisdom of the Desert: Sayings From the Desert Fathers of the Fourth Century (A Sabedoria do Deserto)*
- **1961** - *The New Man (O Novo Homem)*
- **1962** - *New Seeds of Contemplation (Novas Sementes de Contemplação)*
- **1963** - *Life and Holiness (Vida e Santidade)*
- **1965** - *Seasons of Celebration (Tempo e Liturgia)*
- **1966 –** *Gethsemani: A Life Praise*
- **1969 -** *The Climate of Monastic Prayer*

- **Obras Póstumas**

- **1969** - *Contemplative Prayer (A Oração Contemplativa)*
- **1970 –** *Opening the Bible (Que Livro é Esse?)*
- **1970 –** *Monastic Renewal*
- **1971** - *Contemplation in a World of Action (Contemplação num Mundo de Ação)*
- **1973** - *He Is Risen (Ele Ressuscitou)*
- **1974 –** *Cistercian Life (Encontro com Cristo na Trapa)*
- **1978 –** *What is Contemplation*
- **1979** - *Love and Living (Amor e Vida)*
- **1981 -** *Introductions East and West: The Foreign Prefaces of Thomas Merton* (reprinted in 1989 under title *"Honorable Reader" Reflections on My Work*)
- **2006** - *Pre-Benedictine Monasticism*

- **2009** - *The Rule of St. Benedict*: *Initiation into the Monastic Tradition 4*
- **2010** - *Monastic Observances*
- **2012** - *The Life of the Vows*
- **2020** - *Beholding Paradise: The Photographs of Thomas Merton. A Monastic Introduction to Sacred Scripture*
- **2021** - *Notes on Genesis and Exodus*

**Teologia Social e Justiça**

- **1947** – *Exile Ends in Glory*
- **1961** - *The Behavior of Titans*
- **1962** – *Original Child Bomb*
- **1962 –** *Breakthrough to Peace - Introduction (Ofensiva de paz – Introdução)*
- **1964** - *Seeds of Destruction (Sementes de Destruição)*
- **1964 –** *The Church and the "Godless Word"(A Igreja e o Mundo sem Deus)*
- **1965** - *Gandhi on Non-Violence* (*Gandhi e a não Violência)*
- **1966** - *Conjectures of a Guilty Bystander (Reflexões de um Expectador Culpado)*
- **1968** - *Faith and Violence*
  - **Obras Póstumas**
- **1969** - *My Argument with the Gestapo*
- **1980** - *The Non-Violent Alternative*
- **1985** - *The Hidden Ground of Love: Letters on Religious Experience and Social Concerns* (Letters, 1)
- **2001** - *Dialogues with Silence (Diálogos com o Silêncio)*
- **2003** - *The Inner Experience*. *(A Experiência Interior)*
- **2003** - *Seeking Paradise: The Spirit of the Shakers*.
- **2004** - *Peace in the Post-Christian Era (Paz na Era Pós Cristã)*
- **2006** - *The Cold War Letters*.

**Diálogo Inter-religioso e Sabedoria Oriental**

- **1965** - *The Way of Chuang Tzu (A Via de Chuang Tzu)*
- **1967** - *Mystics and Zen Masters (Místicos e Mestres Zen)*
- **1968** - *Zen and the Birds of Appetite (Zen e as Aves de Rapina)*

- **Obras Póstumas**

- ***1973** - *The Asian Journal of Thomas Merton* (*Diários da Ásia de Thomas Merton)*
- **1976** - *Ishi Means Man*
- **2008** - *Introduction to Christian Mysticism*.
- **2013** - *In the Valley of Wormwood: Cistercian Blessed and Saints of the Golden Age*.

**Escritos Literários e Poesia**

- **1944** – *Thirty Poems (Trinta Poemas)*
- **1946** - *A Man in the Divided Sea (Um Homem no Mar Dividido)*
- **1947 –** *Figures for an Apocalypse (Figuras para um apocalipse)*
- **1949** – *The Tears of the Blind Lions*;
- **1957** - *The Strange Islands*
- **1959** - *Selected Poems (O Vinho do Silêncio)*
- **1963** - *Emblems of a Season of Fury*
- **1967 –** *Selected Moems: Enlarged Editions*
- **1968** - *Monks Pond*;
- **1968** - *Cables to the Ace*;

- **Obras Póstumas**

- **1969** - *The Geography of Lograire*
- **1970 –** *Early Poems – 1940-1942*
- **1977 –** *The Collected Poems of Thomas Merton*
- **2005** - *In the Dark Before Dawn: New Selected Poems of Thomas Merton*. *Cassian and the Fathers*.

**Ensaios e Escritos Diversos**

- **1948 –** The Spirit of Somplicity: Characteristic of The Cistercian Order (Org.)
- **1951** - *The Ascent to Truth (Ascenção para a Verdade)T*
- **1954** - *The Last of the Fathers: Saint Bernad of Clairvaux and the Encyclical Letter, Doctor Mellifluus (Bernardo de Claraval)*
- **1954 –** *Marthe, Marie et Lazare (Marta, Maria e Lázaro)*
- **1958 –** *The Tower of Babel*

- **1960** - *Disputed Questions (Questões Abertas)*
- **1960 –** *God is my life*
- **1966** - *Raids on the Unspeakable*;

- **Obras Póstumas**

- **1981** - *The Literary Essays of Thomas Merton*;
- **2000 –** *Thomas Merton: Essential Writings*
- **2008 –** *Choosing to Love the Words*
- **2013** - *Selected Essays*.
- **2015** - *Early Essays: 1947-1952*.
- **2015** - *Charter, Customs and Constitutions of the Cistercians*.
- **2016** - *The Cistercian Fathers and Their Monastic Theology*.
- **2018** - *Cistercian Fathers and Forefathers*.
- **2019** - *Medieval Cistercian History*.

## ANEXO II

A obra de Thomas Merton tem sido objeto de extensa produção acadêmica global, embora sua presença na pesquisa brasileira seja ainda limitada. Este anexo visa destacar o crescente corpo de estudos internacionais dedicados a Merton, sublinhando seu potencial como referencial teórico significativo para a academia nacional. A relevância de Merton estende-se particularmente às investigações sobre religião contemporânea e mística moderna.

A diversidade e volume de teses, dissertações e trabalhos acadêmicos centrados em Merton refletem sua influência multifacetada no pensamento religioso e filosófico. Sua obra oferece perspectivas valiosas sobre temas como contemplação, diálogo inter-religioso e crítica social, tornando-o uma fonte fecunda para pesquisadores em diversos campos.

A incorporação mais robusta de Merton nos estudos brasileiros poderia enriquecer substancialmente o discurso acadêmico sobre espiritualidade e religião, proporcionando novos insights para a compreensão da experiência religiosa no contexto contemporâneo. Para não tornar extenso este anexo, somente serão especificadas as teses e dissertações de 2010 a 2024 que tem Thomas Merton como objeto da pesquisa.[37]

### Teses de Doutorado (Internacional)

ARCEMENT, Kyle. In the School of the Prophets: The Formation of Thomas Merton's Prophetic Spirituality. Catholic University of America, Washington, D.C., 2013

BŁACHUCIŃSKI, Tomasz. Doświadczanie Boga W Filozoficzno-Religijnych Poszukiwaniach O. Thomasa Mertona. Papieski Wydział Teologiczny, Wrocławiu, Polônia, 2011

CHOI, Bong Kyu. Select Themes in Thomas Merton's Thought as a Resource for Korean Presbyterianism. University of St. Michael's College, Toronto, Canadá, 2011

CRONIN, James G. R. A Reluctant Pacifist: Thomas Merton and the Cold War Letters, October 1961-April 1962. University College Cork, Cork, Irlanda, 2021

[37] Para este levantamento de teses e dissertações sobre Thomas Merton no mundo foi consultado o site da International Thomas Merton Society (ITMS) (https://merton.org/research/theses/) e para as teses e dissertações no Brasil foi consultado o sistema SUCUPIRA

CROZIER, William D. The Given Word: A Descriptive Phenomenology of Private Writing Toward Conversion. Cardinal Stritch University, Milwaukee, WI, 2020
DOBIES, Karolina. Idee Personalistyczne i Egzystencjalne w Refleksji Thomasa Mertona o Człowieku. Uniwersytet Śląski, Wydział Teologiczny Uniwersytet Śląski, Wydział Teologiczny Katowice, Polônia, 2014
GILLESPIE, John Milton. Merton's Muses: The Poetic Influences on Thomas Merton's True and False Self. Faulkner University, Montgomery, Alabama, 2021
GRIFFIN, Ruben Anthony. Curating the Pastor's Heart: A Prescription for Renewal Through the Contemplative Lens of Thomas Merton. Divinity School of Duke University, Durham, NC, 2019
GROS, Agnès. Thomas Merton en Dialogue Avec les Religions D'asie: Sa Contribution à la Spiritualité et au Dialogue Interreligieux. Université de Genève, Genève, Suíça, 2023
HALL, Gary Peter. Communing With the Stranger: Relational Dynamics and Critical Distance Between Thomas Merton and His Readers. University of Birmingham, Birmingham, Reino Unido, 2019
HAWKINS, Carter J. A Hermeneutic Reappraisal of Thomas Merton's Approach to Spiritual Development. Fielding Graduate University, Santa Barbara, Califórnia, 2012

**Dissertações de Mestrado (Internacional)**

ADOLFSSON, Lars. Mary, Mother of Jesus, Mother of Me: An Ecclesiological Study on the Marian Sermons of Thomas Merton. University of Uppsala, Uppsala, Suécia, 2010
ATTARD, Jonathan. Rediscovering Sapientia in an Age Riddled by Scientia: Prophetic Knowledge in Thomas Merton. University of Malta, Malta, 2017
BAO, Zhaohui. A Critical Research on Thomas Merton's 'The Way of Chuang Tzu'. China Graduate School of Theology, Hong Kong, China, 2020
BARCIOK, Karol. Religie Dalekiego Wschodu w Pismach Thomasa Mertona. Uniwersytet Śląski W Katowicach, Katowice, Polônia, 2010
BENNINGFIELD, Brittany C. The Niles-Merton Songs: A Performance Guide of Selected Songs. University of Kentucky, Lexington, KY, 2017
BRULÉ, Dominique. Les Expériences Spirituelles de Thomas Merton Dans Son Autobiographie et Son Journal (1939-1941). Université Paul Verlaine, Metz, França, 2009

COUSINS, Patrick. Prometheus and Promethean Theology in the Thought of Thomas Merton. Syracuse University, Syracuse, NY, 2015

CURRIE, Joshua Ryan. The Contemplative Potential of the Sacramentally United. Graduate Theological Union, Berkeley, Califórnia, 2014

DWYER, Cynthia Mary. The Spiritual Journey According to Thomas Merton: Its Inner and Outer Dimensions and Pastoral Implications. Assumption University, Windsor, Ontario, Canadá, 2010

FORMOSA, Joseph. Journal Writing as a Spiritual Exercise in Self-Knowledge. Thomas Merton: A Case Study. University of Malta, Malta, 2019

FRAUSTO, Teresa De Jesús. Thomas Merton's Ruminations on Christian Humanism and its Influence in the Ideological Transformation of the Catholic Church. Mount Saint Mary's University, Los Angeles, 2021

GEORGE, Virginia S. Thomas Merton: Another Look At Enneagram Type. John F. Kennedy University, San Jose, CA, 2010

GROENWALD, Małgorzata. Rola i wartość przestrzeni samotności i milczenia na podstawie pism Tomasza Mertona/The role and value of solitude and silence in the writings of Thomas Merton. Jagiellonian University, Kraków, Polônia, 2010

HARTMAN, Alan G. Thomas Merton, Josef Pieper, and Gustavo Gutierrez: Contemplation and Action in the Turbulent Twentieth Century. University of Scranton, Scranton, PA, 2019

HENRY, Evan Blake. "The Lover of the Living God" Thomas Merton's William Blake. University of Virginia, Charlottesville, Virginia, 2018

HEWITT, Bridget. A Return to the Infinite Abyss of Pure Reality in Which Our Own Reality is Grounded: An Exploration of the Contemplative Voice of Thomas Merton and an Assessment of its Relevance for Today. University of Winchester, Winchester, Inglaterra, 2010

HUANG, Zichen. Yin xiu shi duo ma si.mou dun de sheng tai ling xiu = The Ecological Spirituality of Thomas Merton. Fu Jen Catholic University, New Taipei City, Taiwan, 2019

**Teses de Doutorado no Brasil:**

BERTELLI, Getúlio Antônio. Mística e compaixão: a teologia do seguimento de Jesus em Thomas Merton. 2005. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PEREIRA, Sibélius Cefas. Thomas Merton: itinerarium da vida contemplativa no tempo e na história. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

RONSI, Francilaide de Queiroz. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar: para uma maturidade cristã e uma mística inter-religiosa. 2014. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SALOMAO, Norma Ribeiro Nasser. Thomas Merton e o Zen Budismo. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

SILVA, Jefferson Soares da. Da morte à contemplação da vida: interioridade em Thomas Merton. 2018. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.

**Dissertações de Mestrado no Brasil:**

OLIVEIRA, Erika Cristina Castro de. Thomas Merton e o salto da fé. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

SALOMÃO, Norma Ribeiro Nasser. O outro lado da montanha: Thomas Merton - uma perspectiva dialogal. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

SILVA, Rodrigo Moreno Ribeiro. A relação ética e espiritualidade em Thomas Merton. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.